

UNESP – UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
FAAC – FACULDADE DE ARQUITETURA, ARTES E COMUNICAÇÃO
GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO SOCIAL – HABILITAÇÃO EM JORNALISMO

ANNA CAROLINA SATIE SUGUIHARA SILVA

VITRAIS

Reportagem em formato de história em quadrinhos sobre a vida de refugiados em
São Paulo

Bauru

2018

ANNA CAROLINA SATIE SUGUIHARA SILVA

VITRAIS

Reportagem em formato de história em quadrinhos sobre a vida de refugiados em São Paulo

Relatório da realização de uma grande reportagem em quadrinhos intitulada “Vitrais: uma HQ sobre histórias de refugiados em São Paulo”. Apresentado em cumprimento parcial aos requisitos da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” para a obtenção do título de bacharel em Comunicação Social – Jornalismo.

Orientador: Prof. Dr. Laan Mendes de Barros.

Bauru

2018

ANNA CAROLINA SATIE SUGUIHARA SILVA

VITRAIS

Reportagem em formato de história em quadrinhos sobre a vida de refugiados em São Paulo

Relatório da realização de uma grande reportagem em quadrinhos intitulada “Vitrais: uma HQ sobre histórias de refugiados em São Paulo”. Apresentado em cumprimento parcial aos requisitos da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” para a obtenção do título de bacharel em Comunicação Social – Jornalismo.

Bauru, 23 de janeiro de 2018.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Laan Mendes de Barros – FAAC/UNESP

Orientador

Prof. Dr. Francisco Rolfsen Belda – FAAC/UNESP

Membro da banca examinadora

Profa. Érica Franzon - USC

Membro da banca examinadora

Àqueles que aceitaram compartilhar suas histórias comigo.

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, Elisabete e Hélio, sem os quais nada teria acontecido. Aos meus irmãos, Júlia e João Miguel, pelo apoio e companhia: vocês são as minhas pessoas favoritas de todo o universo. Aos meus amigos, por acreditarem neste projeto antes mesmo de mim e por tornarem os anos em Bauru os melhores da minha vida até agora. Agradeço também aos meus entrevistados, por compartilharem histórias tão pessoais com uma desconhecida. Espero ter honrado seus relatos. Por último, obrigada ao meu orientador, prof. Laan Mendes de Barros, pelos conselhos valiosos para a execução deste trabalho.

RESUMO

Este projeto experimental teve como objetivo a confecção de um livro-reportagem em formato de história em quadrinhos sobre a vida de refugiados que vivem na cidade de São Paulo. Tal formato foi utilizado com a intenção de aproximar o leitor dos relatos. Para isto, também foram utilizadas fotografias tiradas durante o processo de captação de entrevistas. O trabalho tinha como intenção conhecer o porquê dessas pessoas terem escolhido o Brasil como asilo, como foi a jornada até aqui e o processo de adaptação, tentando retratar estes relatos da maneira mais fiel possível para traçar um panorama de como é a vida do refugiado no país. Para a execução, foram utilizadas práticas do fazer jornalístico, como seleção de fontes, realização de entrevistas, fotografia, edição e elaboração de roteiro, além de toda a parte artística, que envolveu ilustração, colorização e diagramação.

Palavras-chave: Jornalismo em quadrinhos; grande reportagem; new journalism; crise de refugiados.

SUMÁRIO

1. Introdução	8
1.1. Justificativa	12
2. Fundamentação teórica	13
2.1. Jornalismo em quadrinhos	13
2.2. Narrativa em primeira pessoa e <i>new journalism</i>	17
2.3 O uso de fotografias: uma linguagem híbrida	18
2.4. Refúgio no Brasil.....	19
3. Desenvolvimento do produto.....	22
3.1 Concepção e pesquisa	22
3.2. Entrevistas e roteiro	23
3.3. Ilustração e arte-finalização	24
3.4. Características gerais	26
4. Considerações finais	26
Referências bibliográficas	28
Apêndices	29

1. Introdução

A situação dos milhões de refugiados no mundo é considerada a maior crise humanitária da atualidade. De acordo com o último relatório, divulgado em 2016 pelo Comitê Nacional para Refugiados¹ do Ministério da Justiça (CONARE), durante o período de 2010 a 2015, houve um crescimento de 2.878% no número de solicitações de refúgio no Brasil, passando de 966 casos em 2010 para 28.670 em 2015.

Até o final de 2016 (último dado disponível), o governo brasileiro reconheceu 9.552 refugiados, de 82 nacionalidades. Em 2016, o maior número de refugiados reconhecidos vieram da Síria (326), República Democrática do Congo (189), Paquistão (98), Palestina (57) e Angola (26). 68% dos solicitantes e 75% dos que têm o pedido de refúgio deferido são homens e 42% deles têm entre 18 e 29 anos². Chama a atenção o fato de que nenhum desses países é geograficamente próximo.

Impulsionado pela curiosidade do que motiva a escolha pelo território brasileiro como nova morada, este trabalho buscou traçar um panorama de como é a vida dos refugiados na cidade de São Paulo por meio de relatos individuais das fontes. Esta opção se baseia na ideia de “biografias em fractais” de Pena (2004). No campo da matemática, um fractal é uma figura geométrica não-euclidiana³ com n -lados. Este objeto pode ser fracionado em várias partes e cada uma delas ainda será idêntica ao original. Aplicando essa ideia a uma biografia, isso significaria tomar uma parte tangível para enxergar o todo.

Nos fractais biográficos, há a utilização de modelos de identificação. E eles se sobrepõem de acordo com o contexto. (...) Em uma biografia construída sob esse conceito, não há limite para o nível de complexidade que se manifesta nas teias de conexões entre os fractais. Ao dividir a narrativa em capítulos nominais, e inserindo nesses capítulos histórias que se refiram a eles, o biógrafo assume o seu papel de interpretador. Mas também reconhece que essas histórias

¹ CONARE - Comitê Nacional para os Refugiados. *Sistema de Refúgio Brasileiro: desafios e perspectivas*. Abril/2016. Disponível em <<http://pt.slideshare.net/justicagovbr/sistema-de-refugio-brasileiro-balano-at-abril-de-2016>>. Acesso em dezembro de 2017.

² ACNUR – Brasil. Refúgio em números. Disponível em: <<http://www.acnur.org/fileadmin/scripts/doc.php?file=fileadmin/Documentos/portugues/Publicacoes/2017/refugio-em-numeros-2010-2016>> . Acesso em dezembro de 2017.

³ A geometria euclidiana é a geometria em duas e três dimensões, que segue os postulados do matemático Euclides de Alexandria.

encaixam-se apenas primariamente nos capítulos nominais, podendo estar também em outros capítulos, já que os fractais, apesar de independentes, são auto-semelhantes. (PENA, 2004, p. 86)

Partindo dessa ideia, é como se a experiência particular de cada uma dessas pessoas revelasse a vivência comum de estar refugiado no Brasil. A biografia em fractais também dialoga com o conceito de que a identidade não é fixa, mas algo em constante construção. Ainda de acordo com Pena (2004):

Para Hall, “o sujeito previamente vivido como tendo uma identidade estável e unificada, está se tornando fragmentado; composto não de uma única, mas de várias identidades, algumas vezes contraditórias ou não resolvidas” (Hall, 2001, p. 12). Ele pode assumir identidades diferentes em diferentes momentos e, obviamente, elas não estarão unificadas em torno do “eu” coerente. A segurança e a coerência de uma identidade plena são apenas uma fantasia. (PENA, 2004, p. 85)

Tendo isso em mente, foram realizadas oito entrevistas com refugiados originários de diferentes países e que residem atualmente na cidade de São Paulo. O próprio título da obra reflete essa ideia de tomar a parte pelo todo: os vitrais foram escolhidos por serem pequenos cacos, de diferentes cores e formatos, que formam um desenho maior.

Após a coleta dos relatos, houve a formulação de um roteiro escrito, um roteiro visual e a ilustração destes em forma de histórias em quadrinhos. A escolha pelo formato será justificada mais a fundo nas próximas seções deste relatório, mas foi motivada principalmente pelo desejo de personificar a questão dos refugiados.

O mundo vive o maior número de deslocamentos forçados desde o fim da Segunda Guerra Mundial. Estima-se que 65,6 milhões de pessoas foram obrigadas a deixarem seus lares nos últimos anos, fugindo de guerras, perseguições políticas e violações de direitos humanos. A maioria desses refugiados vem da África e do Oriente Médio.

Dentre as causas desse fenômeno está a Guerra da Síria, que desde 2011 já provocou o deslocamento de 5,5 milhões de pessoas – quantidade que corresponde a um quinto da população do país. Depois dos sírios, os afegãos, sudaneses do sul e somalis, nessa ordem, correspondem aos maiores grupos de migrantes forçados. São países assolados por sangrentos conflitos internos, que forçam seus moradores a se deslocarem.

Um dos principais destinos dessas pessoas é a Europa, que em 2015 recebeu mais de um milhão de refugiados. A principal rota de entrada no continente é a perigosa travessia do Mar Mediterrâneo – segundo a Organização Internacional para as Migrações (OIM), mais de cinco mil pessoas morreram ou desapareceram neste caminho somente em 2016.

No entanto, esse não é o único obstáculo dos deslocados na busca pela sobrevivência: os que conseguem realizar a travessia com sucesso ainda têm de chegar até os países em que almejam se realocar. Esse caminho é marcado por medidas xenofóbicas, como prisão, deportação e construção de barreiras físicas, como foi o caso da Hungria em 2015, ao construir uma cerca de arame farpado pela extensão de sua fronteira com a Sérvia. Em março de 2017, ela foi substituída por um muro de alta tecnologia, com sensores que dão choques em quem tenta ultrapassá-lo e avisa à vigilância da fronteira a localização exata do fugitivo. A região da barreira ainda conta com câmeras de visão noturna e detectores térmicos que notificam a aproximação de pessoas e alto-falantes que anunciam em inglês, árabe e farsi (língua persa, utilizada no Irã, Afeganistão e por minorias que vivem em outros países árabes): “Alerta, você está na fronteira da Hungria, que é propriedade do governo húngaro; se você danificar a cerca, cruzar ilegalmente ou tentar atravessar, estará cometendo um crime”⁴.

Desde então, tem diminuído a quantidade de refugiados que chegam à Europa – em 2017, por volta de 10 mil refugiados chegaram à Grécia pela Turquia, contra os mais de 850 mil registrados em 2015. Porém, a crise apenas mudou de forma – milhares de migrantes ficaram presos no país após a rota dos Bálcãs ser fechada no início de 2016 e seguem vivendo em campos de refúgio improvisados, com péssimas condições de vida e sem impossibilitados de saírem de lá. A chamada rota dos Bálcãs era composta pela Macedônia, Sérvia, Croácia e Eslovênia, um trajeto de fronteiras que levavam aos países mais setentrionais do continente europeu. Em março de 2016, esses países anunciaram que não

⁴ Informação retirada de: <http://arte.folha.uol.com.br/mundo/2017/um-mundo-de-muros/servia/persistencia/>. Acesso em dezembro de 2017.

permitiriam mais a entrada de imigrantes sem documentação válida. O presidente da União Europeia anunciou a medida em seu Twitter⁵:

O fluxo irregular de imigrantes ao longo da rota dos Balcãs ocidentais terminou. Não é uma questão de ações unilaterais, mas uma decisão comum aos 28 países da União Europeia. Agradeço aos países dos Balcãs pela implantação de parte da estratégia europeia para gerir a crise.

Todo o continente europeu recebeu apenas uma fração do número de refugiados que o Líbano e a Turquia receberam, no entanto o fluxo migratório no Velho Continente recebeu muito mais repercussão. O pesquisador Gabriel Bonis atribui essa diferença na cobertura midiática a três principais motivos: 1) logística – era mais simples e barato enviar jornalistas para Grécia e Itália do que Líbano e Turquia; 2) alcance dos veículos locais – a mídia europeia tem alcance global, contribuindo para que a crise europeia tivesse mais repercussão internacional e 3) uma preferência da mídia por eventos que aconteçam na Europa e na América do Norte.

É uma lógica semelhante à repercussão dos atentados em Paris em novembro de 2016 versus o ataque terrorista no dia anterior em Beirute. Ambos foram conduzidos pelo Estado Islâmico e mataram dezenas de civis, mas o primeiro obteve imensa exposição global, gerou mensagens de solidariedade à França em redes sociais e por parte de políticos relevantes. O ataque no Líbano ficou relegado a uma cobertura secundária, cercado por uma percepção de não haver nada inédito em um ataque terrorista no Oriente Médio. (BONIS, 2017, *online*)

Mesmo com o destaque da mídia, custou para que os líderes da União Europeia comesçassem a ceder nas políticas anti-imigratórias. Um dos catalisadores para o início de criação de políticas voltadas a essas pessoas foi a repercussão da foto do menino sírio Aylan Kurdi, de 3 anos, encontrado morto na praia de Bodrum, na Turquia. A criança foi uma das vítimas de um naufrágio ocorrido com um grupo de imigrantes na travessia do Mar Mediterrâneo.

A imagem, feita pela fotógrafa Nilüfer Demir e publicada pela agência turca em que trabalha, a DHA, viralizou na internet e nas redes sociais, gerando comoção internacional e levantando o debate sobre a crise dos refugiados e o papel das nações Europeias no que diz respeito ao acolhimento dessas pessoas.

⁵ Disponível em: <https://twitter.com/eucopresident/status/707543984890060800>. Acesso em dezembro de 2017.

O destaque criado pela ampla divulgação da imagem alterou a maneira que os países estavam encarando a crise. De acordo com Galvão e Vinhas (2016):

Países que negavam asilo a refugiados e que não apoiavam políticas que dessem assistência aos mesmos passaram ou a oferecer abrigo a essas pessoas ou a tentar auxiliar na chamada crise dos refugiados. (GALVÃO, A.; VINHAS, L., 2016, p. 183)

O retrato do pequeno corpo na praia deu um rosto a uma crise antes sem identidade – havia dados, números, ampla divulgação dos acontecimentos e mesmo assim, não havia grandes ações por parte da liderança da União Europeia. A partir do momento que a questão do fluxo migratório se materializou na figura do pequeno Aylan e exibiu toda uma dimensão afetiva do fenômeno, começaram a surgir mudanças.

É isso que o presente trabalho também tenta fazer: atribuir faces à discussão sobre o acolhimento dessas pessoas no Brasil, sensibilizando os leitores do produto sobre a necessidade de criação de políticas para integrar essas pessoas à sociedade.

Como objetivos específicos, propõe-se:

- Compreender como se dá o processo do refúgio no Brasil e os desafios enfrentados por essas pessoas uma vez que chegam aqui num estudo específico com refugiados na cidade de São Paulo;
- Estudar o jornalismo em quadrinhos como um formato atraente e com amplo potencial comunicativo por sua acessibilidade;
- Exercitar técnicas específicas desse formato, como ilustração, produção de roteiro e *storyboards*;
- Executar práticas próprias do fazer jornalístico, como a pesquisa, a seleção de fontes, a entrevista e a apuração.

1.1. Justificativa

Como citado no item anterior, houve um drástico⁶ aumento nos números de solicitação de refúgio no Brasil no período entre 2010 e 2016. Mesmo que o número

⁶ “(...) De acordo com o último relatório, divulgado em 2016 pelo Comitê Nacional para Refugiados do Ministério da Justiça (CONARE), durante o período de 2010 a 2015, houve um crescimento de 2.878% no número de solicitações de refúgio no Brasil, passando de 966 casos em 2010 para 28.670 em 2015”. (p.9)

de refugiados reconhecidos ainda seja relativamente incipiente se comparado com os de países como Turquia, Líbano e Alemanha, ainda são 9.552 pessoas que vieram para o território brasileiro em busca de reconstruir suas vidas e ganham pouca representação na mídia. O jornalismo, como agente de construção da memória coletiva e possível fomentador de transformação social, tem como responsabilidade pôr temas como este em evidência, visando gerar mudança na vida dessas pessoas e informar a população geral sobre a situação.

A pesquisa para este trabalho revelou que as principais organizações de atendimento a essas pessoas são iniciativas da sociedade civil, sem que haja ampla participação governamental nesse sentido. Logo, o projeto também se justifica no sentido de chamar a atenção para a necessidade de elaboração de políticas voltadas a essas pessoas.

A confecção do produto também se dá com a intenção de explorar um formato ainda pouco convencional dentro das práticas jornalísticas, mas que tem uma linguagem cheia de possibilidades, como se mostra a seguir.

2. Fundamentação teórica

2.1. Jornalismo em quadrinhos

Houve um tempo em que no jornal impresso predominavam as palavras: as notícias eram dispostas nas páginas sem qualquer recurso gráfico e preocupação de atrair a atenção do leitor. Esse tempo a muito passou e hoje é quase inconcebível imaginar o jornalismo sem imagens. Mas seria possível a existência de uma narrativa jornalística formada inteiramente por elas?

As histórias em quadrinhos (HQs) tem uma longa relação com o meio jornalístico. Estão presentes nas tiras humorísticas nos cadernos de entretenimento, nas caricaturas sarcásticas de figuras proeminentes, são usadas para ilustrar eventos aos quais não se teve acesso a imagens fotográficas (reconstituições criminais, por exemplo), entre outros. No entanto, seu uso como suporte do fazer jornalístico é relativamente recente, ampliando seu papel, antes restrito às charges e cartuns, para produções que se estendem por páginas ou até mesmo livros ou revistas unicamente dedicados a isso.

Antes de aprofundarmo-nos na relação entre jornalismo e quadrinhos, é importante definir o que entendemos por quadrinhos. Em “Desvendando os Quadrinhos” (1995), o ilustrador Scott McCloud define as histórias em quadrinhos como “Imagens pictóricas e outras justapostas em sequência deliberada destinadas a transmitir informações e/ou produzir uma resposta no espectador”.

De acordo com essa definição, pode ser considerado que a história dos quadrinhos começou há milênios atrás, com as pinturas da pré-história. Ao longo do tempo, o desejo de expressar movimentação e progressão temporal em imagens pode ser observado em diversas manifestações - McCloud cita em seu livro as imagens pictóricas pré-colombianas, por exemplo. Da forma como as conhecemos hoje, as HQs se popularizaram no fim do século XIX e no começo do século XX, tratando de temas como o humor e ficção.

Apesar de ser questionável, é considerada que a primeira HQ nos moldes das atuais foi “The Yellow Kid”, tirinha criada pelo americano Richard Outcault em 1895. Publicada nos jornais sensacionalistas de Nova York, “The Yellow Kid” tinha personagens fixos e usava diálogos dispostos em balões.

O formato se consolidou com as revistas de super-heróis, que foram transportadas para a linguagem cinematográfica e angariou fãs por todo o mundo. No entanto, nem todas as histórias em quadrinhos ficam restritas à fantasia: recentemente, tem se popularizado a não-ficção dentro do gênero. Um dos exemplos mais célebres é “Maus”, de Art Spiegelman, o primeiro – e único – livro em histórias em quadrinhos a vencer um prêmio Pulitzer (1992).

“Maus” é a história do pai de Spiegelman, um sobrevivente do holocausto. Um dos diferenciais da obra é a maneira em que o autor retrata as personagens: os judeus são desenhados como ratos, os alemães como gatos, americanos como cachorros e poloneses como porcos. Com a exceção da animação, é difícil imaginar qual outra linguagem contaria essa história de tal maneira com êxito.

Outra obra que é bastante citada quando se fala do gênero de não-ficção dentro dos quadrinhos é “Persépolis”, de Marjane Satrapi, quatro volumes que contam a história da autora, que presenciou a Revolução Iraniana quando criança e

se mudou para a Áustria, onde teve de se adaptar a novos costumes. O livro foi adaptado para os cinemas em forma de animação em 2007.

Apesar de essas serem obras que tem conteúdo baseado na realidade – fonte da atividade jornalística – elas não são consideradas como Jornalismo em Quadrinhos.

O primeiro a definir o gênero “Jornalismo em Quadrinhos” foi o jornalista e ilustrador maltês Joe Sacco, escritor de obras como “Palestina: Uma Nação Ocupada” (1994) e “Área de Segurança Gorazde” (2000), ambos publicados pela editora Conrad no Brasil. Esses livros, sobre o conflito palestino e a guerra civil na Bósnia oriental, respectivamente, se tornaram referência do gênero ao realizarem verdadeiras grandes reportagens sobre os eventos que tratam.

Mas o que caracteriza uma produção de Jornalismo em Quadrinhos? Corbari (2011) define:

Os grandes expoentes internacionais que lançam bases ao Jornalismo em Quadrinhos apresentam produções que se identificam predominantemente como peças documentais, ou seja, documentários em formato de Arte Sequencial, ou ainda – talvez mais precisamente – como *grandes reportagens*. Mesclam elementos da investigação e da reconstituição histórica, da apuração jornalística e da própria reconstrução cenográfica a serviço da ampliação do potencial da mensagem real ou da reflexão a seu respeito. São grandes reportagens ou mesmo livros-reportagem, publicados normalmente em unidades avulsas sequenciais ou reunidas em volume único. (CORBARI, 2011, p.3)

Além destas características citadas, é possível observar processos básicos do jornalismo na criação de uma reportagem em quadrinhos, como a apuração, a coleta de testemunhos e a documentação.

(As reportagens em quadrinhos) Mesclam elementos da investigação e da reconstituição histórica, da apuração jornalística e da própria reconstrução cenográfica a serviço da ampliação do potencial da mensagem real ou da reflexão a seu respeito. (CORBARI, 2011, p.4)

O Jornalismo em Quadrinhos ainda tem outros elementos, como a criação do roteiro cena por cena, a montagem do *storyboard*, a ilustração e a arte-finalização. Levando em conta essas etapas extras, é um tanto inviável a produção do Jornalismo em Quadrinhos para o Jornalismo diário. Quais seriam então as

especificidades do Jornalismo em Quadrinhos diante do jornalismo tradicional? O quadrinista Dan Archer (2011) diz:

“a habilidade de condensar notícias áridas em uma forma visualmente atraente e fácil de compreender (...) colocar o leitor dentro do personagem, ver os acontecimentos sob sua perspectiva; colocar visualmente lado a lado fatos sobre um mesmo evento, ou mesmo sobre dois períodos distintos; e incorporar elementos como diagramas e gráficos no contexto da narrativa”.

Ao mostrar ao leitor os acontecimentos de forma imagética, pretende-se que ele crie esses cenários dentro de seu imaginário de forma mais concreta. Essa apropriação dos locais, dos seus arredores e dos personagens que o habitam possibilitam uma identificação mais profunda com a narrativa, transportando quem lê para o lugar onde os fatos ocorreram.

Mais que a fotografia, os quadrinhos permitem explorar o caráter interpretativo do desenho. Escolhendo os enquadramentos, a sequência dos quadros, as personagens, o roteiro, o jornalista seleciona cada aspecto que integrará sua reportagem. Da mesma forma, a ilustração permite que se esconda com facilidade a identidade de fontes que não desejam ser reconhecidas, ou representar situações nas quais não seria possível tirar uma foto. Nessa última situação, podemos citar a obra *O Fotógrafo*, uma série de três volumes produzida por Didier Lefèvre, Emmanuel Guibert e Frédéric Lemercier. Ela segue a história de Lefèvre, que foi fotógrafo de uma expedição de uma equipe do Médicos sem Fronteiras no Afeganistão. O autor usa os desenhos para contar partes da história onde seria perigoso ou indelicado tirar uma fotografia. Mas isso será mais explorado na seção 2.3 deste relatório.

Uma das questões mais suscitadas sobre o formato do Jornalismo em Quadrinhos é essa observação participativa, presente tanto em *O Fotógrafo* quanto em toda a obra de Joe Sacco. Nelas, os autores participam das histórias e se inserem como personagem. Tal escolha se afasta da chamada “objetividade” do jornalismo convencional. Não se tenta em nenhum momento esconder a interpretação do jornalista sobre a reportagem, pois este envolvimento é fundamental para o desenvolvimento da narrativa. Não há intenção de proporcionar ao leitor uma visão universal dos temas abordados, mas sim da interpretação do autor sobre os fatos ocorridos.

Sobre isso, é preciso abordar o *new journalism* – ou Novo Jornalismo.

2.2. Narrativa em primeira pessoa e *new journalism*

O Novo Jornalismo surgiu nos Estados Unidos em meados da década de 1960, como uma variação da objetividade e distanciamento característicos do jornalismo americano até então. Como diz César Maia (2003), “a reportagem deixava de ser um simples relato para se transformar num texto quase literário, que reconstruía os acontecimentos a partir da vivência do repórter”.

Esse novo estilo deixou para trás a obrigatoriedade de preceitos clássicos do jornalismo, como o esforço pela neutralidade e a narrativa em terceira pessoa para dar espaço à experiência pessoal de quem conta a história. Gay Talese, um dos expoentes deste modelo, define:

O novo Jornalismo, embora possa ser lido como ficção, não é ficção. É, ou deveria ser, tão verídico, como a mais exata das reportagens, buscando embora uma verdade mais ampla que a possível através da mera compilação de fatos comprováveis, o uso de citações, a adesão ao rígido estilo mais antigo. O novo jornalismo permite, na verdade exige, uma abordagem mais imaginativa da reportagem e consente que o escritor se intrometa na narrativa se o desejar, conforme acontece com frequência, ou que assuma o papel de observador imparcial, como fazem outros, eu inclusive. (TALESE, apud UNGARETTI, 2001)

Tom Wolfe (2005), um dos escritores precursores do gênero, define: “A ideia era dar a descrição objetiva completa, e um algo mais que os leitores sempre tiveram de buscar nos romances e contos, ou seja, a vida subjetiva ou emocional dos personagens”.

Essa descrição subjetiva é um dos elementos mais peculiares do Jornalismo em Quadrinhos, que é interpretativo por definição.

Desenho não pode ser nada além de interpretação. Pode ser uma interpretação com informação, mas o leitor só pode conhecer aquela história através dos olhos de quem desenha. Até fotografia é interpretação: você escolhe o que vai registrar ou não, faz um recorte, escolhe ângulo, tema. Mas desenho é ainda mais interpretação porque você está deliberadamente montando tudo da maneira que você quer. A linguagem dos quadrinhos não é literal, é interpretativa. (SACCO, 2011, *online*)

Os conceitos do *new journalism* permearam todo este projeto, norteando duas escolhas: a do narrador em primeira pessoa e por manter a linguagem dos entrevistados quase inalterada no produto final.

Inicialmente, a ideia era que o livro fosse composto somente pelos relatos das fontes, tentando conferir objetividade ao trabalho. No entanto, foi percebido que a experiência da busca por fontes, dos processos de deslocamento e ressignificação da cidade, de conhecer as ONGs que atuam no atendimento de refugiados seria agregadora à obra. A partir deste momento, houve a introdução da autora como personagem, mostrando pensamentos e reflexões que surgiam tanto na hora da entrevista quanto depois.

Quanto à linguagem, deixá-la “quebrada”, com erros gramaticais na fala dos entrevistados, foi proposital. A intenção foi reproduzir o discurso das fontes com o menor número de interferências possível. Foram feitas edições somente pela clareza, alterando trechos que poderiam gerar confusão no leitor.

2.3 O uso de fotografias: uma linguagem híbrida

Na HQ Vitrais, foi feita a opção de inserir fotografias na narrativa. Essa escolha foi inspirada em outras obras de jornalismo em quadrinhos que também o fazem, como a série O Fotógrafo e “O Mundo de Aisha”, de Ugo Bertotti.

Nessas duas obras, a fotografia é usada dentro dos quadros, intercalada entre desenhos, comprovando que aquele relato que se conta realmente é verdadeiro. Como diz Barthes (1984), “a pintura pode simular a realidade sem tê-la visto (...). Ao contrário dessas imitações, na fotografia jamais posso negar que a coisa esteve lá” (p.115).

Apesar da série “O Fotógrafo” ser a mais notável em usar esse hibridismo entre desenho e fotografia, ela não é a primeira a fazer isso. Em Maus, Art Spiegelman insere duas fotografias, uma de seu pai, Vladek, e outra de seu irmão, Richieu, morto durante a guerra. As fotos mostram ao leitor que as personagens, mesmo ilustradas de maneira cômica⁷, são pessoas que realmente existiram. Além disso, há toda uma carga emocional derivada da natureza destes relacionamentos,

⁷ Como referenciado anteriormente, em Maus os personagens são retratados com cabeças de animais: ratos para os judeus, gatos para os alemães, etc.

que nos é apresentada pelo autor. Outro exemplo é em Palestina, de Joe Sacco, em que ele coloca uma fotografia ao lado de sua ilustração, por motivos de comparação.

Neste trabalho, a opção por inserir as fotografias foi a mesma que nessas obras citadas anteriormente: mostrar que os personagens da história são reais e conferir veracidade à narrativa. Como os relatos são ilustrados no livro como interpretações da autora, a introdução das fotos tem como intenção de dar um toque mais objetivo.

2.4. Refúgio no Brasil

Todos os pedidos de refúgio no Brasil são decididos pelo CONARE. O tempo médio para resposta é de dois anos e meio, de acordo com o Ministério da Justiça. O intervalo é tão extenso pela falta de estrutura do órgão: atualmente, existem apenas cinco profissionais que trabalham na realização de entrevistas de elegibilidade para o refúgio.

É necessário esclarecer: quem é considerado refugiado? O Brasil é signatário dos principais tratados internacionais de direitos humanos e é parte da Convenção das Nações Unidas de 1951 sobre o Estatuto dos Refugiados e do seu Protocolo de 1967. O país promulgou, em julho de 1997, a sua lei de refúgio (nº 9.474/97), na qual reconhece como refugiado qualquer indivíduo que sai do seu país de origem devido a fundados temores de perseguição por motivos de raça, religião, nacionalidade, grupo social ou opiniões políticas imputadas, ou devido a uma situação de grave e generalizada violação de direitos humanos no seu país de origem.

No Brasil, como em grande parte do mundo, as políticas para refugiados são realizadas em conjunto pelo Estado, pela ACNUR (Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados - Brasil) e principalmente, por ONGs da sociedade civil. Estima-se que por meio de atividades diretas e parcerias, as ONGs fornecem pouco mais de 60% do total da verba envolvida nos trabalhos com integração de refugiados no Brasil (HAYDU, 2011).

A política de associações é mesmo uma necessidade, pois, o ACNUR, por razões institucionais, não pode interferir em assuntos internos dos países e deve primar pela ausência de envolvimento nas política internas dos Estados. Nesse sentido, ganha força as parcerias com os agentes locais. Os mais tradicionais no Brasil são as Cáritas Arquidiocesanas do

Rio de Janeiro e de São Paulo. Essas são responsáveis por praticamente toda a integração social dos refugiados e mesmo dos solicitantes do estatuto de refugiado que se encontram no Brasil à espera de uma deliberação formal do governo brasileiro. (SILVA, A., VERWEY, A., ZERBINI, R., 2000, *online*)

Durante o processo de captação de entrevistas (que será detalhado mais a frente, na seção 3.2 deste relatório), foi notável que as principais iniciativas de acolhida de refugiados em São Paulo são justamente ONGs – e todas com ligação com a Igreja católica. São elas a Cáritas Arquidiocesana, a Missão Paz (que é ligada à Paróquia Nossa Senhora da Paz, localizada na região paulistana do Glicério e regida por sacerdotes scalabrinianos), e o CRAI (Centro de Referência e Atendimento para Imigrantes), que apesar de ser um serviço público, é gerido pelo Serviço Franciscano de Solidariedade em convênio com a prefeitura de São Paulo.

Assim que o indivíduo faz a solicitação de refúgio junto à delegacia da Polícia Federal, lhe é expedido um protocolo provisório que permite que se faça um CPF, o que, em tese, garantiria que ele tivesse acesso aos programas sociais e à saúde gratuita, como qualquer outro cidadão brasileiro. No entanto, ainda é muito latente a necessidade de evolução dos aparatos legais voltados especificamente à essa população. Como dito por Haydu (2011):

Solicitantes de refúgio e refugiados têm encontrado dificuldades em ter acesso a serviços públicos básicos, sobretudo cuidados médicos e moradias. Além disso, eles também se sentem discriminados pela sociedade local. Por falta de campanhas consistentes e de informação, grande parte da população brasileira não sabe ao certo quem é um refugiado e com frequência os reconhece como fugitivos da justiça, tornando a integração na sociedade e no mercado de trabalho ainda mais difícil. (HAYDU, 2011, p. 143)

Além de todos esses obstáculos, a impossibilidade de comunicação é um dos maiores empecilhos nesse aspecto. O Centro de Referência e Atendimento para Imigrantes (CRAI) da Prefeitura de São Paulo diz em seu website⁸:

A inclusão social plena na sociedade passa pelo domínio da língua local, uma vez que dessa forma a possibilidade de comunicação e diálogo é garantida. No Brasil, o domínio da língua portuguesa, além de ser fator decisivo para a inserção do imigrante no mercado de trabalho, facilita o seu acesso aos serviços, aos estudos e amplia a possibilidade de

⁸ Disponível em:

http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/direitos_humanos/migrantes/programas_e_projetos/index.php?p=198952. Acesso em dezembro de 2017.

reivindicação de seus direitos. Consequentemente, permite a consolidação da autonomia de pessoas em situação migratória no país.

No entanto, em 2015, o CRAI realizou um mapeamento⁹ dos cursos de português para imigrantes na cidade de São Paulo - na época, eram treze os lugares que ofereciam a capacitação, dos quais apenas dois eram órgãos públicos.

A precariedade da recepção aos imigrantes é atribuída pelo governo à lei que tratava do refúgio - o chamado Estatuto do Estrangeiro, datado da década de 80 privilegiava a segurança nacional sobre o caráter humanitário necessário para tratar do tema, visando proteger o país da entrada de criminosos. Em maio de 2017, foi sancionada pelo presidente Michel Temer a nova Lei de Migração, que substitui a legislação prévia sobre o assunto. Se o Estatuto do Estrangeiro era nacionalista e conservador, priorizando a segurança e restringindo a liberdade dos imigrantes em território nacional, a Lei de Migração põe o Brasil em posição de vanguarda. A lei facilita o processo de obtenção de documentos para legalizar a permanência do imigrante no Brasil, assim como o acesso ao mercado de trabalho regular e serviços públicos. A política de concessão de vistos humanitários - como os dos haitianos - também foi institucionalizada. Além disso, os imigrantes não podem mais ser presos por estarem de modo ilegal no país.

A aprovação dessa legislação é uma resposta humana ao contexto que se vive atualmente, indo na contramão da política de repúdio aos imigrantes que tem se realizado na Europa e nos Estados Unidos - política esta que visa criminalizar um fenômeno social que molda sociedades ao redor do planeta desde que o mundo é mundo. É inegável a participação dos imigrantes - italianos, árabes, orientais - na construção da cidade de São Paulo.

Pela maior parte da ajuda vir de iniciativas da sociedade civil, sem que haja nenhuma política pública significativa neste aspecto, a adaptação é dura para o estrangeiro que vem morar no Brasil. A maioria convive apenas entre si, em pontos de encontro mais frequentados por conterrâneos do que outros brasileiros.

⁹ Disponível em:

http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/upload/direitos_humanos/Mapeamento%20cursos%20de%20portugues.pdf. Acesso em dezembro de 2017.

Um ponto que se faz necessário explicitar, uma vez que se trata de Refúgio no Brasil, foi a explosão nos pedidos de refúgio vindos de venezuelanos de acordo com os últimos dados divulgados pelo Ministério da Justiça. Apenas em 2016, 3.375 provenientes desse país solicitaram refúgio no Brasil, o que corresponde a 33% das solicitações totais nesse ano.

O estado de Roraima tem sido a principal porta de entrada para essas pessoas, que vêm fugindo da crise de abastecimento de alimentos, colapso dos serviços públicos e inflação de 700% que o país enfrenta. De acordo com o jornal El País¹⁰, a prefeitura de Boa Vista estima que 40.000 venezuelanos já tenham entrado na cidade, o que corresponde a mais de 10% da população da cidade de 330.000 habitantes.

Enquanto este trabalho ainda estava em fase de coleta de entrevistas, essa crise ainda não era tão latente como esses dados indicam, mas já se fazia presente. A autora procurou por entrevistados dessa nacionalidade para integrarem o projeto, mas não obteve sucesso.

3. Desenvolvimento do produto

3.1 Concepção e pesquisa

O primeiro contato com o orientador foi feito em maio de 2016. Pela complexidade e extensão prevista do trabalho, estimei¹¹ que seria necessário começar o projeto com bastante antecedência.

A escolha do formato, como já justificada na seção 2.1 deste documento, nasceu do meu interesse pelo desenho, que tenho desde sempre. No intuito de unir paixão e trabalho, fiz a opção por este gênero ainda pouco convencional. A definição do tema da reportagem foi feita devido a notícias do aumento do número de solicitações de refúgio no Brasil e pelo interesse pessoal de investigar por que essas pessoas vinham para cá.

Antes de começar a execução do trabalho propriamente dita, foi realizada uma pesquisa sobre os procedimentos de refúgio no Brasil e uma extensa leitura de

¹⁰ Disponível em: < https://brasil.elpais.com/brasil/2018/02/16/politica/1518736071_492585.html>.
Acesso em 20/02/2018.

¹¹ A autora toma a liberdade de escrever esta seção em primeira pessoa.

quadrinhos, principalmente de não-ficção, com o objetivo de angariar referências e estudar a técnica. Entre os autores estudados, estavam Joe Sacco, Will Eisner, Guy Delisle, Alexandre de Maio e outros.

3.2. Entrevistas e roteiro

Para contatar possíveis entrevistados, foi feita uma extensa pesquisa pela internet em reportagens sobre refúgio, páginas de ONGs, redes sociais, etc. Um endereço que foi muito útil para entrar em contato com essas pessoas foi o Conectados.cc¹², uma plataforma criada por duas ONGs brasileiras (a Bela Rua e a Conexão Cultural) com serviços e produtos oferecidos por imigrantes que tenham vindo de países com alguma situação de vulnerabilidade. O site reúne mais de 100 perfis de 19 nacionalidades.

Não foram contabilizadas com exatidão as tentativas não consolidadas de entrevista, mas foram muitas. A comunicação com as possíveis fontes foi feita por meio de e-mail, Facebook, WhatsApp e telefone. Contando só as conversas do WhatsApp com indivíduos que negaram participar do projeto, foram quatorze. Uma dessas abordagens, inclusive, é tratada de relance no livro: em março de 2017, houve uma conversa com um refugiado congolês que queria R\$500 para ceder uma entrevista individual.

Por fim, foram feitas oito entrevistas, todas pessoalmente, das quais seis entraram no produto final. As duas restantes foram editadas da narrativa para evitar que esta ficasse muito longa, mas está presente no roteiro do trabalho, que está anexado ao fim deste documento.

As fotos utilizadas no livro foram captadas durante a realização das entrevistas e, exceto por uma¹³, foram todas tiradas pela autora com o celular. Por limitações técnicas, não foi possível fazer tantas fotos quanto o desejado: algumas das entrevistas foram realizadas sem companhia e era difícil fazer as perguntas, a gravação e tirar fotos ao mesmo tempo. Por vezes também a entrevista foi feita à noite ou em lugares com pouca iluminação, resultando em fotografias com qualidade insuficiente para entrarem no produto final.

¹² Disponível em: <http://conectados.cc/>. Acesso em dezembro de 2017.

¹³ A foto em questão aparece na página 75 do livro e foi tirada por Avener Prado, fotógrafo da Folha de S. Paulo, conforme creditado. Foi feito o contato com o mesmo, que autorizou a inserção da fotografia neste trabalho.

Após o término da coleta de entrevistas, foi realizada a confecção de um roteiro com a intenção de conectar todas as histórias e criar uma narrativa coesa, que foi usada para nortear a produção dos quadrinhos. Além deste, também foram feitos roteiros imagéticos de cada capítulo, planejando a ordem dos quadros e o que cada um conteria.

Fotografia 01 – Exemplo de um dos roteiros visuais elaborados



Fonte: Elaborada pela autora

3.3. Ilustração e arte-finalização

Na concepção do projeto, a intenção era realizar os desenhos à mão, em papel e nanquim, depois digitalizá-los com ajuda de um *scanner* e fazer a pós-produção no computador. No entanto, não foi possível prosseguir assim: uma só página demorava mais de um dia para ficar relativamente perto do resultado esperado e, mesmo assim, o papel ficava amassado e cheio de marcas de onde os desenhos foram apagados.

Em julho de 2017, adquiri uma mesa digitalizadora – uma espécie de *tablet* que se conecta ao computador, onde é possível desenhar com a ajuda de uma caneta digital. Este aparelho foi essencial para a elaboração do produto e otimizou enormemente a produção: se antes demorava quatro dias para fazer uma página, agora era possível fazer quatro páginas em um só dia. É notável no produto final a

evolução da habilidade artística, uma vez que esta foi minha primeira vez usando



uma mesa digitalizadora.

Tal dispositivo também eliminou o processo da digitalização, uma vez que o processo de tratamento e pintura – chamado de arte-finalização – foi feito concomitantemente com as ilustrações, no programa Adobe Photoshop. O processo de ilustração demorou aproximadamente cinco meses (de julho a novembro de 2017).

Como a narrativa que criei alternava entre os meus relatos e os dos entrevistados, optei por fazer uma segmentação visível dos dois pontos de vista, intercalando trechos em preto e branco para as coisas que vivi e em cores para as coisas que ouvi. Essa escolha é justificada subjetivamente, com a intenção de mostrar que posso atestar pela parte do relato em que eu sou a narradora: aqui, o preto e branco simboliza a “objetividade”. Já com as cores, quis expressar de maneira ainda mais clara que essas eram interpretações minhas sobre relatos de outras pessoas.

Essa divisão tangível entre dois narradores foi inspirada em “Uma história de Sarajevo” (2006), de Joe Sacco, álbum no qual Joe Sacco entrevista um homem sobre o conflito na Bósnia. Nas partes em que Sacco conta a história, as bordas da página são brancas, e nos trechos que são contados por seu entrevistado, pretas.

Fotografias 2 e 3: exemplo da troca de narrativa em “Uma história de Sarajevo”.

Fonte: Drawn and Quarterly, disponível em <<https://www.drawnandquarterly.com/fixer-and-other-stories>> . Acesso em dezembro de 2017.

3.4. Características gerais

O produto final é um livro de 96 páginas, confeccionado para ser consumido de forma impressa. Almeja-se alcançar o público geral, não se restringindo somente aos amantes do gênero e estudiosos da situação dos refugiados no Brasil. Os recursos utilizados – celular, computador, mesa digitalizadora (que não foi inclusa nos custos por ser uma ferramenta que também é usada em projetos pessoais) – são todos próprios. Os custos foram somente os de locomoção dentro da cidade de São Paulo e os da impressão do livro.

4. Considerações finais

A grande reportagem que compõe Vitrais foi feita entre os meses de março a julho de 2017, percorrendo diferentes regiões da cidade de São Paulo. Durante esse período, a autora atribui novos significados à partes da cidade em que morou por quase a vida inteira. Houve também a superação de barreiras pessoais: se antes havia timidez e hesitação no trato com as fontes, estas precisaram ser suplantadas para a produção do trabalho. Foi enriquecedor o contato com pessoas que têm realidades radicalmente diferentes do que integram o convívio da autora, tanto os entrevistados quanto o pessoal do apoio das ONGs, com seus relatos de experiência, apoio e dicas.

Outro ponto que foi extremamente positivo foi a experimentação de um novo modelo de fazer jornalismo, em toda sua potencialidade. Nos anos de graduação, foram poucas as oportunidades de explorar um formato pouco ortodoxo, e foi recompensador descobrir maneiras diferentes de contar histórias. Ainda assim, foi necessário empregar diversas técnicas do jornalismo convencional, como a entrevista, edição, fotografia, produção de roteiro, diagramação, etc.

Para fundamentar a escolha pelo gênero, foi necessária extensa pesquisa sobre o gênero dos quadrinhos, além da leitura de diversas obras, tanto para estudo do próprio formato quanto para referência artística. Esta que foi a principal dificuldade desta empreitada: o processo de ilustração foi desafiador. A paixão da autora pela arte foi sempre algo que considerou fazer parte de sua identidade e as noites mal-dormidas em que refazia o mesmo desenho pela enésima vez pôs isso em cheque. Toda essa etapa envolveu muito esforço, paciência e, muitas vezes, frustração por não atingir o resultado esperado. Mesmo assim, com o produto em

mãos, é possível dizer que todos os objetivos do projeto foram alcançados com sucesso. Era esperado descobrir uma nova dimensão do acolhimento de refugiados em São Paulo. No entanto, os resultados atingidos foram muito além de apenas este. Foi possível redescobrir interesses, ressignificar uma cidade, fazer amizades e ultrapassar obstáculos tanto pessoais quanto profissionais.

Este trabalho é a produção de maior orgulho da autora até o presente momento.

Referências bibliográficas

ARCHER, D. **Jornalismo em quadrinhos**: os filhos de Joe Sacco: depoimento [17 de março, 2011]. Revista da Cultura.

BARTHES, Roland. **A câmara clara**: nota sobre a fotografia. Trad: Júlio Castañon Guimarães. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

BONIS, Gabriel. **A crise dos refugiados na Europa apenas mudou de forma**: depoimento [01 de agosto, 2017]. Carta Capital. Disponível em <<https://www.cartacapital.com.br/internacional/a-crise-dos-refugiados-na-europa-apenas-mudou-de-forma>>. Acesso em: 14 dez. 2017.

CORBARI, Marcos Antônio. **Jornalismo em quadrinhos**: Reflexões sobre a utilização da arte sequencial como suporte ao conteúdo jornalístico. 2011. Monografia. Departamento de Ciências da Comunicação da Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria.

GALVÃO, Andrêssa dos Santos; VINHAS, Luciana Iost. **Imagem e resistência no cartum pelo olhar da análise de discurso**: uma reflexão a partir de um texto sobre Aylan Kurdi. **Cadernos do Il**, Porto Alegre, n. 52, p.182-198, dez. 2016.

HAYDU, Marcelo. **A integração de refugiados no Brasil**. In: ALMEIDA, G.A.; RAMOS, A.C., RODRIGUES, G; (Orgs.) 60 anos de ACNUR: perspectivas para o futuro. São Paulo : Editora CL-A Cultural, 2011. p. 131-146.

MCCLOUD, Scott. **Desvendando os Quadrinhos**. São Paulo: M.Books, 1995.

PENA, Felipe. **Biografias em fractais**: múltiplas identidades em redes flexíveis e inesgotáveis. *Fronteiras: Estudos midiáticos*, São Leopoldo, v. 1, n. 6, p.80-89, jan. 2004. Semestral.

SACCO, Joe. **Uma história de Sarajevo**. São Paulo: Conrad, 2005.

_____. **Joe Sacco, criador do jornalismo em quadrinhos, fala sobre como escolheu sua carreira**: depoimento [12 de julho, 2011]. Guia do Estudante. Entrevista concedida a Guilherme Deari. Disponível em: <<http://guiadoestudante.abril.com.br/blogs/divirta-estudando/um-bate-papo-com-joe-sacco-o-criador-do-jornalismo-em-quadrinhos/>>. Acesso em out. 2016.

UNGARETTI, Wladimir. **A Literatura como forma de resistência**. Ponto de Vista, 2001. Disponível em <<http://www.pontodevista.jor.br/resistencia.htm>>. Acesso em out. 2016.

VERWEY, Anton; ZERBINI, Renato; SILVA, Ariel. **A percepção brasileira dos refugiados**. *Rev. bras. polít. int.*, Brasília, v. 43, n. 1, p. 183-185, Junho de 2000. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-73292000000100011&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 6 out. 2016.

WOLFE, Tom. **Radical chique e o novo jornalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

Apêndices

1. Roteiro escrito

[TRANSIÇÃO: Fotos mostrando meu caminho de casa até Ermelino Matarazzo. Foto da Barra Funda. Foto do Brás, meio foto, meio desenho. Desenho das linhas do metrô: aponto de onde saí e onde fui. Foto da rua de Adulbaset].

1

Demoro três horas no percurso entre a minha casa e o bairro Ermelino Matarazzo, no extremo leste de São Paulo. É lá que fica a casa de Adulbaset Jarour.

Encontrei Adulbaset pelo Facebook. Ele me pediu que fosse até a casa dele pois fez uma cirurgia no joelho durante a semana e não está conseguindo andar. Levo meu amigo Lucas comigo.

O dia está quente. Toco o interfone e me identifico. O endereço que Adulbaset me passou é de um pequeno condomínio: o número é da última das casinhas. Ao entrarmos, a madrinha de Adulbaset nos recepciona, ela se chama Diva. Ela nos põe no sofá com o ventilador ligado logo na frente e traz uma jarra de água gelada. Devemos estar em um estado preocupante.

Espero Diva e Abdul terminarem de almoçar e depois vou com Abdul para o andar de cima. Ele sobe as escadas com ajuda de muletas. Ele entra no quarto e senta na cama.

Tenho perguntas preparadas para ele, mas assim que faço a primeira - “como era a sua vida na Síria antes da guerra?” - ele dispara e não para de falar por mais de uma hora.

“Meu nome é Adulbaset Jarour. Abdul. Tenho 27 anos. Sou árabe, da Síria. De Aleppo. Dia 8, esse, completa três anos no Brasil. Eu tenho cinco irmãs e um irmão - uma família maravilhosa. Eu estudava administração de empresa na faculdade e tem uma loja de celulares e acessórios. Minha família tem empresa de construir prédios e vender casas. Tinha uma vida muito boa.

Quando o jovem faz 20 anos na Síria, ele tem que fazer o serviço militar obrigatório. Pra quem tem diploma do ensino médio, tem que ficar um ano e meio. Pra quem não tem, são dois anos. Eu fui pro exército em 2010 para sair em um ano e meio e viver minha vida tranquilo.

Fui levado para Damasco, capital da Síria. Nos primeiros seis meses, eles dão treinamento, ensinam como mexer nas armas, nas bombas. Quando terminei meus cursos, tinha um general que tinha gostado muito de mim e queria que eu fosse motorista dele e da esposa.

No fim de 2010, as pessoas começaram, numa cidade chamada Daraa, crianças escrever na parede da escola que quer que sai fora presidente Bashar Al-Assad. Depois, polícia foi lá, pegou esses alunos e prendeu. Então essas pessoas saíram com muita raiva e começaram as manifestações. Depois outra cidade descobriu isso e começou a sair em manifestação. Porque realmente é um sistema do presidente, é um sistema de ditadura. Sempre foi pai dele que presidente da Síria, governou 40 anos, depois filho dele, sempre que a gente não tem liberdade de falar do governo, se ele é mau se ele é bom, nada de política.

Então realmente quando as pessoas saem em manifestação, outros estavam querendo explodir e aí aconteceu manifestação, já tem uma coisa para explodir mais dentro das pessoas. Então outra cidade saiu manifestação, e outra e outra. E começou a polícia a pegar as pessoas e mata, e bate. As pessoas ficam com mais raiva ainda. Alguém que perdeu filho, irmão ou pai, ele não quer mais saber de ficar tranquilo.

Em 2013, eu já estava no terceiro ano do serviço militar. No dia 5 de maio, entrou 3 aviões escondidos, aviões de Israel, à noite, pelo Líbano, e fez ataque onde estou. Eles fizeram ataque, explodir, onde tem militares da Síria, onde dorme. Nesse dia, até agora não esqueço. Era madrugada, mas se você olhasse para fora, estava claro, como se fosse dia por causa dos míssil

que eles joga no lugar onde o governo guardava as bombas.

A minha sorte é que no meu quarto, tinha duas camas lá no exército, camas de ferro e dorme lá embaixo [é um beliche]. Me protegeu a minha cama lá em cima, porque derrubou meu quarto, eu tinha acabado de deitar. E depois quando vi, não tinha mais porta, não tinha janela, isso aqui tudo derrubou. Mas eu não estou sentindo nada, porque está quente ainda, porque caiu em cima de mim o quarto, tudo tudo. Eu levantei, não to sentindo nada, só ouvindo o som das bombas. Eu olhei assim, não tava vendo nada, só branco, ouvindo alguém falando “socorro”. Eu andei um pouco, caiu mais uma bomba e eu desmaiou, não sei onde, e eu caí pela montanha, porque o exército é na montanha. Eu caí só um pouco porque a montanha é assim, assim [“curva”, ele faz gestos]. Me protegeu essa queda para não chegar estilhaço.

Acordei, eu tava no hospital.

Quando voltei pro exército, eu não mais aguenta. Voltou, eles me tirou do motorista. Ficou como segurança de lá de onde eu estou, do quartel. Eu fiquei um pouco tal e eu falei: “Eu vou se matar”. Eu coloca ela assim, aquela Kalashnikov [aponta para debaixo do queixo], e liguei para minha irmã, eu falei “eu não mais aguenta ficar aqui, eu quero se matar, por favor”. Eu fiquei muito mal. Ela chorou. Ela me deixou tranquilo e depois fiquei tranquilo.

“Depois eu pensei “Quero sair [daqui], quatro anos perdendo a minha vida, morreu meus amigos. Acho que vou morrer eu”. Porque a gente pensa “amanhã vai acabar, uma semana vai acabar, duas semanas vai acabar”, mas agora [a guerra] já está no sexto ano e continua e não tem jeito”, diz ele. Continua:

Se eu falo pra você assim, você não vai acreditar. O único que conseguiu sair da Síria sou eu. Pra você sair do exército na Síria - e no meio da guerra ainda - você tem que, seu saúde, machucado mais do que 50% [do corpo]. E sem braço, sem perna. É uma coisa que você não serve mesmo. Mas eu sai de lá, inteiro. Olha, esta falando de um verdadeiro milagre. Eu sai da exército mas eu fica dentro da Síria. Mas tava pensando “Como eu vou sair da fora da Síria agora? ”.

Para ser militar na Síria, a sua identidade não pode ficar com você. É preso até o governo mandar você embora. Então, eu tenho o que, documento de militar. Quem tem documento: de militar, não pode viajar. Como eu vou sair do país? Eu não tem documento. O que eu fiz paguei dinheiro, um amigo meu ajudou, conseguiu renovar meu passaporte de seis meses só. Mas seis meses, olha, se me der dois dias eu já aproveita e sai.

Para viajar, você precisa do seu passaporte e da sua identidade. Minha identidade tava em Aleppo, quando eu comecei a ser militar, na delegacia, preso com eles. e eu não tem como voltar na Aleppo: se os rebeldes sabem que eu sou militar do governo, eles me matam na hora. É por isso que eu não posso ir ver minha família. Então, eu fui na delegacia e falei “Meu nome é tal e eu perdeu minha carteira que tem minha identidade uma hora antes”. Porque quando você perde sua identidade, você tem que ir na delegacia para eles te darem um papel para você ficar com ele até fazer uma identidade nova. Eles me dá esse papel. Mas mesmo [assim] é perigoso, porque na minha idade, tem que estar no militar ainda. Eu foi, peguei minhas coisas, peguei ônibus, fez oração e foi.

No caminho, parou polícia. “Todo mundo documento! ” Eles entram. Eles pergunta “Cadê seu documento” “Eu perdeu, tô com esse aqui” “Hmmmmm. Você já fez o exército, sua tarefa? ” Eu falei “sim” “aaah, me mostra”. Eu tem um documento que mostra que eu fiz minha exército. Único alguém militar que sai do exército, que sai da Síria, legalmente. A polícia que me para fica com medo de mim, porque pensa “nossa, quem é ele? é filho de Bashar Al Assad para conseguir sair? Quem que é atrás desse rapaz? Quem ele conhece? Alguém ministro, alguém forte do governo”, então eles fica quieto. No final, depois, me parou polícia. Entrou alguém militar. Ele olhou pra mim assim e eu pensei: “Nossa, ele é um rapaz, eu conhecer ele no momento que entrei no exército”.

Ele ficou assim, perguntou “não é você que a gente entrou juntos, em 2010? ”, eu falei: “acho que você tá me confundindo” “não, mas eu conhece você, me dá seu documento. É você! ” “E daí? ” “Como você saiu? ” “Eu sai legal”.

Aí ele me tira do ônibus e foi no general de onde está o ônibus. Ele olhou assim pra mim. “General, ele entrou comigo e você sabe, o governo não tá mandando ninguém embora”. Eu falei que me machuquei, que entrou um estilhaço no coração, no fígado, falei coisas que não aconteceu nada comigo, Mas eles viu que eu não servia mais nada. Falei que minha família fugiu toda no Líbano, faz quatro anos que não vê eles - minha família tá toda lá no Aleppo. Aí o general fala que eu posso ir. Aquele cara que me pegou, ele olhou pra mim com raiva. Peguei, fui, cheguei na fronteira do Síria, paguei, passei, fiz oração, deu certo. Foi agora na fronteira do Líbano. Entrei na fronteira, tava ali no fila, fila muito grande, muitos refugiados. Eu fiquei até de manhã, dormi no rua, na fila.

Quando eu passei a fronteira, nossa, você não sabe o sentimento que eu passei. Nossa, como se eu tivesse nascer de novo. Chorei de sorrir. Eu não acredito que consegui.

O tempo que eu tô passando [pela] fronteira, eu penso nesses quatro anos que fiquei nesse guerra em uma hora. Voltando tudo. Depois vi o mar, à direita, quando o andar do ônibus fez assim. Fiquei mais tranquilo, fiz assim [sopro de alívio]. O ônibus parou num restaurante, eu desce e o foi embora o ônibus. O garçom vem umas 50 vezes na minha mesa, olha pra mim, eu não tô nem aí. Fiquei seis horas sentado lá. Assim, peguei o que tinha dentro de mim nesse guerra, nesses coisas, e jogou fora.

Depois foi no Beirute. Consegui um trabalho. Vendedor em uma marca de roupa. Mas o dono tava tratando muito mal os sírios, eu não aguento. Eu saio do trabalho. Eu falei: “Eu não vou ficar nesse país”. Alguns amigos falou pra mim: “Abdul, vai na Turquia. Paga 4 mil para as máfia, eles vai deixar você atravessa o mar para ir na Grécia escondido”. Como os sírios estão pagando esse barco. Quatro mil dólares ou três mil euros. Entra 50 pessoas nesse barco, um barco pequeno e acaba as pessoas morrendo como vocês vi. Então eu fiquei “Não, não, não. Eu não gosto entrar ilegal, eu não gosto mar, eu medo. Esse viagem, não”. Eu queria conseguir um visto legal.

Realmente estava querendo ficar em um país longe do Oriente Médio. Nunca tinha pensado em vir para o Brasil. Na época, eu estava em Beirute. E normalmente, os consulados ficam um perto do outro. Pensei “se tiver tempo, vou passar no consulado do Brasil”. Passei. Entrei, fiz a entrevista. “Por que Brasil? ” [eles perguntam] Eu não sei. Eu quero sair do Oriente Médio, eu não quero ficar no Líbano. Eu saí de uma guerra feia, eu quero ir para qualquer país. Então, eu sou assim, estudava assim, minha experiência é assim, tal, falei tudo. E depois eles falou “tá ok, me dá seu passaporte”. Três dias depois, eles me ligou. eles me dão meu passaporte com meu visto. Muito bonito. Eu fico muito feliz.

Aí eu fiquei assim: “Brasil? ” Eu tava imaginando. Fechei meus olhos. “Ronaldinho? Ronaldo? Roberto Carlos? ”. No meu bairro, a minha família, fazemos bandeira do Brasil, torce para Brasil na Copa do Mundo. A música “nossa nossa assim você me mata”. A gente não sabe que ela é brasileira, mas a gente ouve ela lá, sai no rádio sempre. Muito famoso essa música. Aí eu fiquei pensando: “Será que vou para Brasil? Vou dormir em cama de rede, na selva?”. Eu tava imaginando, procura no Google. Só sai praia, coisas bonitas. E penso: eu vou pra Brasil. América do Sul.

Aí quando foi comprar ticket, o cara falou pra mim: “Onde no Brasil? ” “No Brasil”. “Sim, mas qual estado, qual cidade? ”, eu falei: “O que que tem aí? Onde tem os árabes? ” Aí ele falou “No São Paulo”. Eu falei “Me coloca lá”.

O consulado disse que o visto era de 90 dias. “Se você querer ficar no brasil pede refúgio na polícia federal. Se você não gostar, volta”. Então eu comprei ida e volta. Foi a viagem mais longa da minha vida.

Cheguei em São Paulo. Dia 8 de fevereiro de 2014 às 14:22 e 20 segundos. Não esqueço esse dia. Muito calor. Eu não fala português, eu não sei falar direito inglês, nem a porta do saída eu sabia qual é. Peguei um táxi e vim aqui pro Tatuapé, perto do hospital São Luís. Tinha um hotel lá. Assim começa a minha vida no Brasil. E não é fácil, muito difícil.

No metrô eu vi um homem negro e pensei “ele deve ser africano”. Cheguei e [fala em inglês] “Oi tudo bem eu sou da síria, você é da África? ”. Ele era do Congo. Ele me disse: “Vai nesse endereço, aqui ajuda”. Fui depois no outro dia, era o endereço da Cáritas. Fui nesse lugar, eles me receberam com muito amor e carinho, tem alguém que fala árabe, que é brasileiro mas falar árabe, e me atendeu. Antes dessa história, desculpa, eu fui na Polícia Federal. Eles falou: “Entra no site, entra no site”. Eu entrei no site e eu não entendeu nada! Não fala português. Depois disso que eu fui no Cáritas, eles me ajudou a fazer documento,

E de repente eu tava sofrendo, eu falei: “Olha, eu não tenho mais muito dinheiro, eu precisa trabalhar”. Foi na mesquita, foi nos árabes e vi um monte de jovem sofrendo, não tá conseguindo trabalho. Os árabes não tão ajudando nada, só dando cesta básica às vezes. Eu não quero cesta básica, eu quero trabalho. Como eu não falo português, eu preciso que um árabe deixa eu trabalhar com ele. E tem árabes no Brasil que são muito ricos, e que tem condições de ajudar os refugiados. Mas infelizmente, eles não ajudam.

Depois de um tempo, eu fui no Carrefour. O único Carrefour da Síria inteira é em Aleppo. Eu tinha uma loja lá. Eu vi: “Aqui tem Carrefour. Será que se eu falar que eu tenho uma loja lá, será que eles podem me deixar trabalhar?” E foi lá. Entrei pra fazer teste e eles me dá três papel, mais de 30 perguntas. eu leio assim, tudo em português, não consigo entender nada, realmente só coloco o CPF e o meu nome e entrego. Sai muito triste.

Andando um pouco, vi um rapaz. Tava olhando querendo comprar uma coisa. Olhei assim, no crachá dele tá escrito Silvio Cavalcante, professor do Senac. Penso, eu sempre vê propaganda do Senac. Será que ele pode me ajudar a conseguir uma bolsa de estudo para aprender português? Eu falo: a chave do Brasil é aprender português, sem aprender português, eu não vou conseguir fazer nada. Ele me levou lá fora. Ele me deu um cigarro. Eu não fumo. Mas eu fumei. Então ele procurou no Google assim [no Google Tradutor], trocamos números, eles me deixou na estação. E assim fiz amizade.

Depois de uma semana, ele me mandou uma mensagem: “Vamos na balada? Eu tenho uma amiga, ela vai fazer aniversário dela”. Nós vamos na balada, acho que fica na rua Augusta. Amiga dele que conhecer lá é minha madrinha.

Depois eu chama eles na minha casa, eu faz comida árabe pra eles. Eles vem na minha casa, faz churrasco, eles vai na praia e me pega, tudo eles me leva, eles gosta muito de mim. E sempre minha madrinha me chama “filho, filho”. Ela não tem filhos. Ela tem 57 anos e é professora do Senac.

Em poucos meses, acabou meu dinheiro. eu não tinha trabalho. O dono da casa falou: “Olha Abdul, ou você paga ou você sai”. Eu ligo para meu amigo Sílvio. Eu falo “Sílvio, eu vou te falar uma coisa: por favor, você pode me ajudar a ficar em um lugar por 2 dias? Não sei pra onde vou, eu não tenho mais dinheiro para pagar e a mulher falou para eu sair”. Ele falou “calma depois te ligo”. Ele falou com ela [Diva]. Ele falou: “Claro que a gente não vai deixar você na rua”. Depois ela foi lá me pegou tudo aqui e me trouxe na casa dela. Aqui. Eu fiquei com ela. Fiquei até agora. Relacionamento de um filho pra mãe. É difícil. Tem diferença das nossas culturas, pensamentos. Mas a gente habitou [se acostumou]. Ela aprender muito comigo e eu aprender também. Ela falou: “Deus me mandou um filho pronto”.

Aluguei um carro, trabalhei como motorista do Uber. Tem preconceito, porque minha barba tava um pouquinho grande, e as pessoas ficam com medo, cancela a viagem. Uma mulher falou pra mim: “Por que você não tira essa barba, assim dá medo, parece terrorista”. Outro fala “Vocês são animais, estraga país, sai do Brasil” “Você chegou aqui pra tirar o trabalho dos brasileiros? ”. Fui roubado no Uber. Me assaltaram. Não quis mais. Eu não morreu do guerra para morrer no Brasil.

Devolvi o carro e fiquei assim, fazendo coisas aqui, coisas dali. Hoje em dia sou palestrante da cultura árabe, da minha experiência e da minha história e já montei uma banda, eu canta árabe. E fiquei assim como livre, não dependendo de ninguém. Ainda não consegui trabalho fixo, mas eu faço atividade, já dei palestras em várias faculdades importantes, PUC, ESPM, Direito do USP.

Em 2015, chegou notícia morreu meu pai. Chegou notícia caiu uma bomba na minha casa, minha irmã perdeu uma perna. Hoje em dia por causa da guerra eu tenho uma irmã no Iraque, outra no Líbano, outra na Alemanha - essa é minha irmã que perdeu a perna - e outra no Canadá. Em Aleppo ficou minha mãe, minha irmã de 13 anos e meu irmão, com 35 anos. Eu tava fazendo uma vaquinha na internet para juntar dinheiro para tirar eles de lá. E é assim, tô na esperança, tô lutando”.

Diva entra no quarto. Ela põe a mão no ombro de Abdul: “E aí meu filhinho! ”. “Essa aqui é minha mãe brasileira”, diz Abdul. [FOTO DOS DOIS JUNTOS] Eu digo: “Só mais algumas coisinhas! Você gosta daqui, você acha que foi bem acolhido? ”. Ele vira para Diva e diz: “Muitas pessoas me pergunta e eu não sei o que responder. Mas eu acho que não. Bem acolhido é o que? ”, ele pergunta. “Bem recebido”. “Quem me recebeu? O que essas pessoas me deu? ” “Amizade! ” “Amizade é bom. Mas eu já tenho amizade, esse não vale. Eu quero atitude de alguém me ajudou no brasil quando eu to precisando. Quem me ajudou? O governo realmente não faz nada. E não tem nenhuma ONG, nenhuma nada, que é capaz de deixar o refugiado bem no Brasil. Tem um monte de refugiado que tá sofrendo, eu conheço. Pelo meu jeito, minha carismática, eu consegue fácil amizade. Mas não é todos refugiados que consegue. Então realmente eu não sei o que te dizer. Eu vou te dar uma resposta da sua pergunta: quem me ajuda no brasil são os brasileiros, que não tem nada com o governo, são pessoas que me conheceram, que me ajudou, e é isso. A questão de governo, a questão de ONG, não tem nada. O refugiado sofre aqui no Brasil”.

Eu digo: “Tá certo. Só uma última pergunta: Quais são seus planos pro futuro? Você tem vontade de voltar pra Síria algum dia? ”

Ele diz: “Como foi difícil pra sair, não é fácil pra voltar. E hoje em dia, o governo tá dominando o país, vai ficar do mesmo jeito. E eu realmente não quero voltar, porque se eu voltar, vai acontecer problemas pra mim. Eu amo muito o Brasil, meus planos são tudo dentro do Brasil. Realmente meus sonhos, meus planos, é ajudar minha família que está lá no meio do guerra, para tirar eles de lá e vir para o Brasil. Minha mãe, minha irmã. Esse meu plano. Segundo, eu queria abrir um negócio meu aqui, e queria muito aprender português fluente, queria escrever, queria aprender português realmente como se fosse brasileiro mesmo. E queria fazer ENEM, fazer faculdade, porque meus documentos, eu não trouxe nada da Síria. E como deus me deu a oportunidade de viver, e me deu mais uma vida, eu senti que nasceu de novo quando cheguei no Brasil, eu quero aproveitar mesmo que eu perdeu toda minha vida, porque o que eu tinha já não existe mais. E pelo menos assim sabe, fazer meu trabalho, trazer minha família e monta meu trabalho, estudo e encontrar uma pessoa boa para casar e pra fazer filhos. Só isso”.

Desligo o gravador e agradeço pela história. Peço para ele me mostrar seu visto de permanência no país para eu tirar uma foto. [FOTO DO VISTO]. Ele pega uma mala, cheia de clipes de entrevistas e certificados de palestras. Embaixo de tudo, um bíblia prateada, em árabe. Ele diz que é muçulmano, mas além do Corão, também tem uma Bíblia. “Minha família me ensinou a respeitar todas as religiões. Minha religião é o amor, minha raça é a humanidade e minha pátria é o mundo”.

Ele me pergunta o porquê do interesse no tema e eu respondo que o Brasil é um dos países que mais recebe refugiados sírios, mesmo estando muito longe de lá. Digo que queria saber porque isso acontece - porque eles vêm pra cá - e por isso a reportagem. Ele diz que os sírios sabem que alguns lugares são melhores de viver que outros: “Estados Unidos é melhor que Paquistão. A

maioria dos sírios tenta ir para países que sabem que qualidade de vida é boa, como a Europa, no Canadá e na Austrália. Mas os desesperados, os que só querem sair de lá para onde quer que seja, vão aonde são recebidos. E o Brasil sai visto facilmente”.

2

Venta muito quando chego do lado de fora da Estação Liberdade. Vim para um walking tour - uma caminhada turística - de pontos que simbolizam a presença de outras culturas na cidade organizado pela ONG Abraço Cultural, uma escola de idiomas com aulas ministradas por refugiados. Eu vim com a minha amiga Xão. Ela chega depois de mim, esbaforida: “Eu achei que ia ser lá na Estação República! ”. Nós rimos. Xão também está fazendo um TCC sobre refugiados - o dela é um documentário.

O tour tem como uma das guias Geneviève, uma haitiana que mostra a rua onde morou quando chegou em São Paulo e nos guia até a Missão Paz. É na Missão Paz que fica a Casa do Migrante - um lugar de acolhida de imigrantes e refugiados, em que eles podem ficar até três meses. Lá eles têm aulas de português, refeições duas vezes por dia e recebem auxílio para conseguirem emprego.

Geneviève diz que a maioria dos refugiados não escolheu o Brasil, mas vieram porque o Brasil abriu as portas para eles. “Não sei de quem foi essa ideia, mas é muito bom, porque vocês também são imigrantes. Não conheço um brasileiro que os pais ou os avós não tenham vindo de outro país. Todo mundo é imigrante”.

[FOTO CASA DO MIGRANTE]

O que mais me impressiona é como o espaço de uma igreja é usado para práticas diversas. É tão diferente de todas as igrejas em que já fui. O padre que coordena o projeto diz que pessoas que praticam outras religiões que não o catolicismo também podem usar o espaço da igreja para fazerem suas orações.

[FOTO IGREJA]

Hoje está acontecendo algum evento na igreja, vários grupos de mulheres bolivianas em suas graciosas roupinhas típicas se juntam no pátio da organização.

[FOTOS]

Vamos embora antes de entendermos o que vai acontecer, porque temos horário para chegar no nosso ponto final - a Cáritas Arquidiocesana de São Paulo, que fica perto da Sé.

[FOTO PORTA CÁRITAS]

A Cáritas é também uma instituição vinculada à Igreja. Ao chegarmos lá, fomos levados à uma sala em que colaboradores explicam o trabalho da ONG. Uma fala, da coordenadora da parte jurídica me marca muito: “Somos uma ONG que funciona à base de doações. Então tem meses em que temos muito, que podemos dar muito, que podemos ajudar muito. Mas tem meses em que não temos nada. E o mais difícil é você saber separar as coisas, olhar para uma pessoa nessa situação de vulnerabilidade e ter que dizer não. Não posso te ajudar. Não tem nada que eu possa fazer”.

Vamos para o andar de cima, onde estão acontecendo apresentações e rodas de conversa. Assim que o evento termina e a sala vai esvaziando, uma mulher passa usando um hijab por nós.

Perguntamos se ela fala português. Ela faz com a cabeça que não. Inglês? Ela faz que sim. É Yacine.

3

Hoje Yacine está sem seu hijab. Quando a vimos pela primeira vez, ela estava toda de preto e um véu cor de rosa cobria sua cabeça. Havia pelo menos umas cem pessoas numa sala apertada e sem ventilação. Suávamos.

Logo depois de nos apresentarmos, eu perguntei se ela não estava sentindo calor com aquela roupa. Ela joga a cabeça pra trás e ri: “Minha filha, eu vim do deserto!”.

Estamos em um restaurante típico de Bangladesh no Brás [FOTO DO RESTAURANTE]. As paredes são cor-de-rosa forte e tudo tem cheiro de curry. Yacine pede um chá típico com leite [foto do chá]. Eu ligo o gravador e ela me conta sua história.

Eu sou Yacine Al-Bakri, tenho 42 anos. Eu sou do deserto. Do Iraque.

Meu dia a dia lá era trabalho. Eu ia pro hospital de manhã, ajudava no parto e ajudava as mulheres com educação em saúde. Trabalhava em um hospital geral, era enfermeira em Bagdá. Fiz minha faculdade de enfermagem e trabalhava num hospital que atendia todo tipo de gente, homem, mulher, criança. Fazia atendimento de enfermagem. Eu vi que tinha muito problema de mulheres grávidas que morriam em gravidezes, no parto, e aí eu comecei a fazer controle de natalidade. Eu dava pílula pra elas tomarem. Ensina elas tomarem. Não é permitido, pela lei islâmica você fazer controle de natalidade. E aí eu ensinava coisas sobre isso, para prevenir doenças sexuais, essas coisas.

E eles [o governo] falaram que eu era revolucionária, que eu estava levando coisas feministas pra elas. Eu trabalhava no hospital do governo. O secretário de saúde disse que eu não podia continuar, que era proibido e que eu ia pra prisão. Eu continuei mesmo assim.

E aí fui processada. Antes de julgamento, já era certeza que eu ia ser condenada à prisão. Uma mulher muçulmana não pode viajar sozinha, né. Então, um vizinho da minha mãe, se propôs a me acompanhar até o aeroporto pra ninguém fazer perguntas. Eu entrei no avião sem saber pra onde eu vinha. Eu vi onde eu tava só quando eu cheguei no aeroporto de Guarulhos e vi a bandeira do Brasil. Lembrei do futebol, do Ronaldinho e pensei “tô no Brasil, tô bem”.

Fiquei uma semana no aeroporto, morando lá, esperando visto. E aí entraram em contato com Cáritas, aí a Cáritas foi lá me buscar. Aí pedi solicitação de refúgio, consegui. Eu vou fazer sete anos que tô aqui.

“Eu fui morar num lugar de várias pessoas, um lugar bonito bem arrumado de Cáritas, aí conheci Padre Marcelo, e ele me mostrou tudo. Tudo que eu aprendi do Brasil, Padre Marcelo me ensinou”, ela continua. “A Cáritas é muito boa para a gente aqui. Mas só a Cáritas é muito difícil, porque tiveram dias que eu não tinha nada na minha casa, e lá [no Iraque] eu tinha tudo. Quando eu tive problema no rim [pedras], foi padre Marcelo que me levou no hospital [olhos cheios de lágrimas]. Tem ONGS que não entendem o psicológico do refugiado. Tem gente que fala que a gente tem que ficar feliz agora que estamos no Brasil. Mas como vamos ser felizes depois do que a gente passou? A gente tá seguro agora, mas a gente não é feliz. O ideal seria viver num mundo em que não fosse necessário a gente sair do nosso país. Mas isso não é culpa do Islã. Vocês ficam muito chocados que em Iraque a gente usa hijab. Mas o problema maior do Iraque não é o hijab. O problema é que a mulher lá não tem oportunidade”.

“Quais são seus planos agora? ”, eu pergunto. Ela responde: “Eu queria validar minha diploma pra arrumar emprego num hospital aqui. E ficar por aqui, porque eu arrumei marido aqui. Meu marido também é refugiado político, ele também não pode voltar. Eu conheci meu marido no Cáritas. A gente virou tudo da mesma família, porque a gente não tem ninguém. Às vezes, fico pensando em juntar minha família, não sei. Tinha muitos sonhos mas perdi todos eles”.

“Você gosta daqui do Brasil? ”, eu questiono. “Gosto. Que lugar do mundo eu ia ter amigos de Bangladesh, de Etiópia? Só aqui no Brasil mesmo. Mas falta dinheiro, e não sou só eu. É tudo mundo que tá aqui”. “Mas você se arrepende do que você fez? ” Não. Não me arrependo. Só é ruim ficar longe de família. Eu cometi um crime de honra. Eu sou uma vergonha para minha família. Não tem problema nenhum minha família, o problema era eu. Então eles ficaram no Iraque. Sábado mesmo eu falei com a minha mãe”.

Saímos do restaurante e vamos para a lojinha da amiga de Yacine, que fica logo à frente. Lá estão três mulheres, são conhecidas dela. Ela conta para elas o que contou para a gente, que quase foi presa por distribuir pílulas anticoncepcionais. Uma das mulheres diz como aqui é de graça e você pode pegar quando quiser. Outra diz que nenhum dos países está certo, nem o Iraque nem o Brasil, porque um proíbe completamente e o outro incentiva.

Yacine diz que não vê como incentivo. É prevenção. “Eles fariam [sexo] de qualquer jeito”.

Estamos no metrô, Yacine desce no Brás e eu e Xão vamos até o Anhangabaú, na ADUS, o Instituto de Reintegração do Refugiado. Yacine diz que tem muito refugiado que explora os brasileiros, que quer dinheiro para contar a sua história. Penso em um homem com quem fiz contato outro dia, que queria 500 reais para me dar uma entrevista. Ela diz que ela nunca faria isso. “Eu nunca pedi um centavo de brasileiro. A gente não pode pedir dos brasileiros. Quando precisei, pedi dos meus amigos. Padre Marcelo até me oferece uma vez, mas eu disse não. Brasil já abriu as portas para a gente, não posso pedir nada além disso.”

Nos despedimos.

Lá na ADUS, nos encontramos com Jéssica, voluntária que faz matérias do que acontece na ONG para o site deles. Conto para ela que sempre sinto que estou invadindo ao pedir entrevista para alguém. Ela diz “Invasivo sempre vai ser. Você está chegando em uma pessoa querendo que ela conte para você a pior experiência da vida dela”.

Na volta para casa, chove. No metrô, sinto meu cabelo pingar nos meus ombros. Pela primeira vez em anos, tenho vontade de verdade de escrever. Não para um trabalho da faculdade. Não para um freela. Sinto vontade de contar as histórias que me confiaram. Não quero explorar as histórias de sofrimento de outras pessoas, como disse a Jéssica. Quero mostrar que o refugiado é mais que um número, uma estatística, um rosto que vemos numa matéria do jornal na TV. São pessoas de verdade. Que tomam chá com leite e que tem sonhos, desejos, famílias que ficaram para trás. Que tiveram coragem de fazer o que acreditavam que era certo e tiveram de fugir de tudo que conheciam para continuar vivos.

Chorei no trem indo para casa.

4

A primeira vez que falei com Omana era fevereiro. Estamos em maio e ele finalmente decidiu me responder. Sem confirmação, embarquei no trem rumo à Vila Matilde com dois futuros possíveis: finalmente conseguir essa entrevista ou dar com a cara na porta.

A estação Vila Matilde é o ponto mais leste que já fui na Linha Vermelha do metrô. Observo os lugares novos que passam rapidamente pela janela.

[FOTO RUA]

Uber: tem certeza que é aqui o endereço?

Eu: Foi esse o número que ele me passou

Uber: vou esperar aqui, qualquer coisa você grita

Tive que tocar três vezes a campainha antes que alguém viesse à porta me atender. Dou um

sinal para o motorista do Uber e ele vai embora. Me sinto invadindo. Sou recebida por um dos cinco filhos de Omana, Kevin. Ele é o mais velho. Ele me diz para sentar em uma mesa do quintal enquanto ele chama o pai.

Uns minutos depois vem Omana. Ele me cumprimenta e diz que teve um dia cheio. Pede desculpa pela demora em me responder, que teve uma experiência ruim com jornalistas depois que um estudante publicou uma entrevista sua na internet - com fotos de sua casa e de sua família- que foi replicada em vários veículos sem a sua autorização. Disse que depois disso perdeu a vontade de dar entrevistas, mas que eu fui bem recomendada. Ele me pergunta o que eu quero saber. Abro meu caderninho e pergunto: “Como era sua vida no Congo antes de você vir pra cá? ”

“Antes de eu vir pra cá eu fui professor de universidade. Letras e de economia, eu tenho dois diploma. Sou também dos direitos humanos. Lá no Congo também eu tinha uma ONG que defendeu mulher e criança. Porque no Congo mais trinta anos de guerra, de milícia. Desde a independência o Congo tem muito problema para ficar na paz. Quando eu voltei da França, onde escrevi minha tese de mestrado, eu fiz uma ONG para defender essas mulher e criança. Porque no leste do Congo, onde eu morava, você entra mesmo no internet, você coloca Nord-Kivu: lá é uma parte que não tem direitos humanos, porque é muito guerra, é origem de toda a guerra do Congo lá naquela região. Criança de 10 anos com arma na fogo. Mulher não tem direito.

Desde 2007, eu fiz esse movimento. E depois 2007, 2008, 2009, todo dia [eu estava] na cadeia. [Fui para a cadeia] Mais ou menos umas cinquenta vezes, cem vezes. Cadeia pra mim era como tomar água, porque o governo não quer que eu faço mobilização, que eu faço palestra, que eu faço evento pra explicar pro povo que você poderia fazer uma resistência a esse sistema do governo, a essa milícia. Lá precisa pedir permissão para fazer reunião. Eu não tinha esse tempo pra ir prefeitura pedir uma papel pra fazer uma reunião, eu vou fazer. E depois, tinha muitas pessoas que se junta comigo pra esse movimento. Teve uma vez em 2012 que mataram 35 mulher na faca. 15 criança na faca. Eu falei “Não. Agora esse acabou”.

Eu fiz uma revolução muito grande. 3 dias de revolução. Eu falei pra cada um: “Não vamos colocar esse pessoa que faleceu, não posso colocar ele na terra [enterrar]. Vamos deixar esse pessoa no escritório do governo”. Foi todo mundo na rua. Pegamos esse corpo do 35 mulher e 15 filho. E levamos esse corpo até o escritório do governo, do governador, do responsável político. E deixamos lá. Por três dias.

Esse corpo começou a cheirar. Eles me colocou na cadeia. Mas tinha uma resistência porque mulher chegou pra me liberar. Eles me liberou. Eu voltei pra minha casa, eu falou: “Bom, vamos colocar essas pessoa na terra [enterrar os corpos]”. Depois de 18 horas, voltou casa.

Voltei em casa. À meia-noite, esse grupo do governo mandou soldado pra mim aprender. Eu vi minha esposa e falei: “Você precisa fugir”. Eu vi do outro lado da parede que tem soldado aqui. Alá tem um espaço pra sair para o fundo da casa e foi minha esposa e minha filho saiu por ali. Meu filha mais velho, ela não estava na casa. Ela foi na igreja católica, onde tinha manifestação. Eu tinha uma filha também, ela tinha cinco dias de nascimento. Minha esposa pega ela, meus outros filho e fugiu. Eu abri o portão da frente para conversar com eles e depois me bateu muito. Me bateu muito. Em tudo, em tudo”.

“Eu sou bonito aqui”, Omana aponta para o rosto. “Mas o resto...”, ele ri. Logo em seguida, continua:

“Eles me levou e me amarrou e me coloca na carro [era um caminhão]. Eu vi na carro dele tinha mais ou menos quarenta e 45 pessoas lá dentro. E vamos. Eu achei que vamos talvez na cadeia, eu me acostumei a cadeia. Mas não, pegou outro caminho.

E lá vamos 80km, até perto do Uganda. Nesse espaço tem um parque natural, tem animal selvagem. Mas é proibido, você não pode entrar. O governo já falou que nunca pode passar pra lá. Nesse dia, eu sabe que esse lugar é outra coisa do que o governo falou.

Chegou lá todo mundo, tinha outro grupo de militar que foi lá também. O primeiro grupo de militar que levou nós lá, voltou. E outro grupo foi lá. Vi um jovem e ele falou pra mim "Professor? Como você está aqui? O que aconteceu?" Ele fala que eu já dar aula pra irmã dele. "Aconteceu esse governo. O que vai fazer?" "Eles vai matar todo mundo. Quando você chega aqui, só deus pode salvar. Podemos te ajudar". "Me ajudar?", eu pensa [tom descrente].

Duas horas da noite, eles dão pra nós um tecido. Esse tecido é uma senha que quando ele vai matar você, porque lá na floresta tem uma buraco. Cova pronto. Você chega lá, eles amarra você bem a esse tecido e PÁ [tiro]. Você caiu. E quando vai pegar o corpo, eles vai saber "Ah, esse é Omana, esse é tal". Cada um tem seu tecido.

Vamos na floresta. Andando, andando, andando por uma hora e trinta. Cada pessoa está em dois [amarrado]. Você não tem esse poder pra fugir, pra fazer alguma coisa. Dois minutos antes de chegar onde vou morrer, uma barulho. Tinha dois grupos de trinta, trinta e cinco pessoa. Não tinha esse tempo pra contar, é uma estimação. Dois minutos antes de chegar nesse lugar tinha uma barulho no primeiro grupo: "pá pá pá pá pá [barulho de arma], ele fugiu, ele fugiu!".

Na nosso grupo tinha cinco militar de segurança. Três militar foi lá nesse grupo pra ajudar, inclusive o que falou que ia me ajudar. Deixou dois militar: um tinha 15 ano e o outro tinha 35, 40 ano. Esse mais velho não falava. Ele fumava muito droga [barulho de puxando e soltando]. Eu perguntei mesmo pra outra pessoa [sobre ele]: "É ele que vai matar nós. Ele fuma pra esquecer o que ele vai fazer".

Chegamos perto desse espaço, e tinha uma briga entre os dois soldado, o mais velho e o mais jovem. Eu acho que nesse primeiro grupo tinha alguém que tinha muito dinheiro. [eles discutem se devem deixar alguém vivo]. Discussão, discussão, discussão. Mais velho matou ele [o mais jovem]. Atirou aqui [aponta pra tēmpora]. Tudo esse saiu [cérebro, etc.]. Eu vou pra trás.

Ele [o soldado] começou a falar conosco: "Vou matar vocês, todo mundo". Sabe uma pessoa que já tinha muito droga? Ele atirou. Eu vi três ou quatro pessoas caiu. Era coisa de um segundo.

E depois acabou, não sei nada, até hoje não sei o que aconteceu. Todo mundo caiu. Todo mundo morreu. Eu não sei nada do que aconteceu. Quem vai me explicar?

Quando eu acordei, foi embaixo de todo mundo [soterrado pelos outros corpos]. Eu vi: algumas pessoa não tem cabeça, não tem braço. Tinha muito sangue.

Eu ouvi alguma pessoa perto de mim que falava, que chorava: "Me ajuda, me ajuda". Eu não tinha essa força pra ajudar. Eu vi essa pessoa perto de mim, um intestino pra fora dele. Na minha cabeça, eu tinha que ajudar. Precisa ajudar. Eu colocar esse intestino que foi na fora e colocar na dentro. Fechou muito bem com tecido. Estou olhando, tudo mudava.

Depois cinco minutos que eu já fechei esse coisa, esse jovem chegou, o que falou que vai ajudar. "Já matou todo mundo aqui?" [ele ouve ao longe]. "Professor!" [diz o garoto] "Tira todo mundo aqui [de cima de mim], minha respiração vai acabar" [diz Omana]. Fiquei em pé. "Você está bem?" [o garoto] "Sim, estou bem" [o professor]. Na minha cabeça, nada dor, nada. Mas ele percebeu que eu tinha uma machucado aqui [na barriga].

"A pessoa que eu achei fechar esse tecido, foi meu. entende? Eu não sabia nada. Porque nesse momento, se eu soubesse que esse intestino era meu, eu ia morrer", ele me conta. Sinto que não consigo deixar a expressão neutra. O professor continua:

"Então, ele falou: "Vamos, aqui perto é Uganda. Vamos rápido porque esse grupo de militar, quando ele vai voltar, ele vai te matar. Correu, correu, correu, vinte, trinta, quarenta minutos, não sei tempo. "Você ouviu esse barulho, é barulho de outro lugar dos soldado. Vou tirar meu roupa militar e vou procurar roupa civil", ele falou. Porque ele conhecia alguém nesse lugar. Quando ele voltou, eu senti meu corpo como se tivesse uma coisa, mas não sei onde, não percebi que já tinha um tecido pra fora aqui. Três minutos depois, senti muito mal, meu pé tremia. 'Professor,

vamos! ” “Posso descansar? ” Ele falou: “Não, tá louco? Porque muito sangue já saiu. Sua barriga tem machucado! ” “Eu? ” “Sim, olha! ” Quando ele me mostrou, eu olhou e acabou. Não sei o que aconteceu. Eu caí de novo. “Professor, professor! ” [chamou o menino].

E faz dois dia sem acordar. Em coma. Quando acordou, eu senti uma quente aqui [na barriga]. Mas meu mão foi amarrado. Eu tava no hospital. Na Uganda. “Você não tá seguro aqui”, falou o soldado. “Você vai pro Quênia”.

E depois no Quênia, seis meses lá no hospital de Nairóbi. Um dia conversei com meu médico, que era brasileiro. Ele perguntou “Aonde você vai agora? ” Eu falei: “Hoje se eu conseguisse, eu ia pra Brasil”. “Por que Brasil? ”, perguntou o médico. Eu falou que meus antepassado, minha família, foi escravo lá. Brasil é meu país também, minha cultura. Eu não serei refugiado lá, “Mas politicamente, você será refugiado” “Sim, politicamente. Mas para mim, eu estarei na minha casa”. O médico disse “Vou te ajudar. Você vai pra sua terra”.

Quando eu chegou aqui, a primeira coisa aqui foi na essa família, que me perguntou, porque não sabia, não poderia ir porque meu médico disse que eu não posso ser em um lugar onde está todo mundo, porque tenho problema de saúde. Então tinha um lugar, eu foi, mas o problema que a primeira coisa, demora três mês pra ter RNE, protocolo, três meses pra ter carteira de trabalho. Todo esse tempo foi muito difícil. E depois lá, eu não tinha trabalho e me colocaram num trabalho de lava-rápido. Foi quinze dias, não consegui. Saúde depois trabalho muito difícil. Eu prefiro trabalho de minha cabeça, mas trabalho física... [faz um barulho com a boca, tipo ‘pfff’] é muito difícil. Graças a povo brasileiro que eu sou aqui. Porque eu não tinha trabalho, mas cada semana, algum brasileiro, algum vizinho, me deu alguma coisa: roupa, comida, tudo. Foi muito bem recebido. Se não foi isso, deveria morar na outro país.

Eu pergunto a ele quanto tempo ele ficou sem a família. Ele diz: “Três anos. Procurando eles. Hoje tenho uma pressão alta sobre isso. Porque eu não sabia onde tava minha família e minha pressão subiu, minha pressão subiu. Quando esse pessoa que me pegou pra me colocar na floresta, lembra que te falei que um grupo de militar voltou? E tinha ordem do capitão que devia colocar fogo na minha casa. Mas quando eles voltou, minha filha também voltou, porque ela não sabia. Ela foi pra casa trocar de roupa e prendeu ela. Violentou ela. Matou ela e jogou ela fora. Jogou ela fora. Meu vizinho viu tudo. Isso foi cinco hora da madrugada. Ela chorava muito. Mas matou ela na faca e acabou. Tudo essa coisa eu soube depois. Depois de dois anos que já estava refugiado aqui no Brasil. Esses dois anos eu também não sabia onde tava a minha família. Eu fiquei sabendo da minha família só ano passado, quando um amigo me contou que tinha encontrado a minha família. E aí contato, contato. Cinco meses depois que eu descobri minha família, ele chegou aqui. Graças a povo brasileiro, que me ajudou. Eu também dei aula, juntei esse dinheiro e foi bom. Eles fugiu no Quênia, tudo esse tempo. Aqui na minha casa fala só inglês. Porque lá no Quênia fala inglês. Só eu que não falo inglês. Quando ele quer falar uma coisa que papai não pode entender, eles fala inglês. Eu falo: “Não, não, conversa em francês”. [ele ri]

Fico curiosa se ele não tem vontade de voltar para o Congo. Ele diz: “Minha vida é aqui no Brasil. Não pode ir no outro país para fazer [o que eu faço aqui]. Mas eu vou voltar pro Congo. Queria ver minha família, a família que deixei lá. Eu fugi e não voltei. Voltarei para ajudar esse grupo de pessoa. Pra mudar esse sistema. Não tenho problema com pessoas, individual. Tenho problema com um sistema. Agora tem um grupo de ONU já lá, já assinou paz. Mas essas pessoas não tem nem roupa, não tem nada. Tem aldeia que eles botaram fogo em tudo. Fazemos uma campanha. Eu coloca roupa e mandar. Vai ajudar também. Não só aqui. Quero ajudar mais. Porque lá no leste do Congo, não tem nada! ”.

Para amarrar, pergunto a ele quais são os planos dele pro futuro. Ele diz: “Quando eu cheguei, eu sei que sou refugiado. Mas minha luta não acabou no Congo. Eu não tinha esse poder pra continuar essa luta, pra ajudar esses mulher e criança. Eu cheguei aqui e pensei que deveria

continuar a ajudar de outra forma. Eu fiz uma ONG, a LFCAB - Língua Francesa e Cultura Africana no Brasil - pra trocar essas experiências e pra ajudar e pra explicar pra esse refugiado, quando chega aqui, que deveria fazer isso, isso e isso pra uma integração social. Tem uns que chega aqui, tem muita dificuldade e vai pegar droga. Alguns estão na prisão hoje, porque não tinha algum pessoa que poderia falar com ele aqui. Isso foi minha ideia pra juntar, pra ajudar. Deu muito certo, porque todo mundo junta comigo, tem voluntário que dá roupa, que ajuda. Temos aqui mais de 1350 refugiados de todo lugar. Refugiados e imigrantes, criança também. Eu achei que fazer uma coisa boa é fazer um centro cultural para criança refugiado. Esse centro vai ser uma referência. Porque a criança quando chega aqui, ela não sabe o que é ser refugiado. Pode ficar das 8h às 18h tendo oficina. Essa oficina vai ter música, arte. Tudo aprender. Diversidade. Vai ser bom. Mas precisa muito dinheiro. Vou fazer um Kickstart para arrecadação [se enrola com a palavra arrecadação]. Juntos podemos fazer uma boa coisa”.

No longo caminho de volta para casa, fico pensando na improvável sequência de fatos da história que ouvi. Omana é um homem comum, que trabalha, anda pelo bairro, pega ônibus. Fico imaginando: quantas histórias tão fantásticas quanto a dele podem haver em estranhos que passam por mim, despercebidos, no metrô, na rua? Gostaria de ouvi-las.

5

A Xão me manda uma mensagem me perguntando se estarei em São Paulo no fim de semana. Ela diz que entrou em contato com um cara de Camarões que conhece uma mulher que talvez dê uma entrevista pra gente: parece bom o suficiente.

No sábado, eu, André e Xão ficamos na Praça da República - lugar onde John Paul disse que nos encontraria - por uma hora. Comemos tranquilos, conversamos. John manda uma mensagem para Xão: “Where are you? Hurry up”. Ele diz que nos espera em frente do Teatro Municipal. Andamos apressados até lá. Na frente do Teatro, ninguém que se parece com a foto que vimos no WhatsApp. Pergunto a três homens diferentes se eles eram John.

Vou ao banheiro na loja da frente enquanto Xão e André esperam por John. Quando volto, lá está ele. Seguimos John pela rua e chegamos à Galeria Presidente. Eu, que sempre vinha pra Galeria do Rock quando estava no colegial, nunca tinha reparado que tinha uma galeria idêntica à ela bem ao seu lado. Entramos e subimos as escadas.

“É aqui que eu venho quando sinto saudades de casa”, diz John. “Aqui é um pedacinho da África em São Paulo”.

As lojas são principalmente de cabeleireiros - apliques, tranças, afros. Dentro delas, ouço línguas que não sei identificar. No terceiro andar, entramos dentro de um salão estreito. Lá dentro, uma mulher almoça uma marmita. Uma outra trança habilmente os cabelos de uma cliente. É ela que viemos entrevistar hoje. O nome dela é Ramaty e ela veio da Serra Leoa. John Paul nos apresenta e vai embora. Ele diz à Xão que pague uma cerveja à dona do salão quando acabarmos.

Sugerimos esperar que Ramaty termine o trabalho com a cliente para começarmos a entrevista. A mulher que almoça - a dona do salão - diz que não, que é para fazermos a entrevista com ela trabalhando mesmo. Perguntamos à Ramaty, ela aquiesce.

Ajudo a Xão com a montagem das câmeras. A loja é pequena demais para que consigamos posicioná-las de um jeito que fique bom. Música estrangeira toca alto lá dentro. Começamos a filmagem. Xão faz as perguntas, André cuida de uma câmera e eu de outra. Crianças brincam pelos corredores da galeria. Ramaty chegou no Brasil faz dois meses. Pessoas entram na loja, passando na frente da filmagem. A dona do salão interrompe a entrevista várias vezes. Parece que a entrevistada tem medo de contar sua história. Ela diz que quando chegou ao Brasil, conheceu uma outra refugiada. Ao dizer que ela vinha da Serra Leoa, a outra mulher disse que conhecia alguém que vinha de lá também. Era a dona do salão, que já está no Brasil faz dez

anos. Pergunto à moça se ela gosta de trabalhar lá, desconfiada da estranha relação entre ela e a outra mulher. Ela diz que sim, que lá se sente confortável, entre as pessoas que são do seu país e falam sua língua.

Guardamos as coisas, a Xão vai comprar a cerveja prometida à dona do salão no bar do andar de baixo. Enquanto ela está fora, converso com uma das mulheres que entrou enquanto fazíamos a filmagem. Ela diz que compra roupas no Brás e revende lá na Galeria como forma de seu sustento. Ela conta que também veio da Serra Leoa. Acho interessante como se criam essas comunidades de imigrantes, mesmo que venham de lugares tão improváveis como a Serra Leoa. Ela diz que veio ao Brasil porque é católica, e, depois que seu pai morreu, queriam que ela se convertesse ao islamismo. Ela diz que o que mais gosta de fazer é ir à igreja, onde participa do coral. Ela diz que também cantava na igreja lá em Serra Leoa. Lembra-a de casa.

Xão volta com a cerveja da moça. Viro para ver se a moça com quem estava conversando ainda está lá, talvez conseguíssemos um bom relato. Ela não está. Eu nem peguei o nome dela.

Despedimo-nos e vamos embora. “Se era pra dar a cerveja pra alguém, era pra entrevistada!”, ela diz, irritada. Entre as interrupções, as pessoas que entravam no salão e a timidez de Ramaty, a filmagem daquele dia mal daria para ser aproveitada. Discutimos as interações desconfortáveis entre a moça e a dona do salão. “Parecia que ela era dona da outra!”, a Xão diz. “Talvez ela viva de favor e faz tudo que a outra mulher manda”, o André sugere.

Eu e Xão nos despedimos, e volto com André pra casa, pensando na estranha dinâmica que presenciamos.

6

É o fim de semana seguinte. Omana me manda uma mensagem dizendo que neste sábado aconteceria um atendimento médico na ONG que ele comanda - e que várias mulheres refugiadas estariam presentes. Convido a Xão para vir comigo e ela diz que o Omana também já havia contado a ela do evento. Ela me busca na porta do metrô Vila Matilde e vamos juntas à casa de Omana - que também é onde opera a ONG Mungazi, que ajuda vários refugiados africanos. Ao entrarmos na casa, sou abordada por duas menininhas. “Você é japonês?”, uma delas me pergunta, pegando na minha mão e me abraçando. A outra olha, curiosa.

Encontramos Omana. Ele diz para montarmos as câmeras lá no fundo da casa e conversarmos com o pessoal que estava lá para ver se alguém topava nos dar uma entrevista. Brincamos um pouco com as crianças - têm muitas. Elas nos tocam e abraçam e perguntam e mexem com curiosidade nas câmeras, no tripé, nas nossas bolsas. São cheias de energia e sem nenhuma inibição. A mãe de uma delas pergunta o que estamos fazendo. Dizemos que somos estudantes e que estamos fazendo um trabalho para a faculdade. A mulher diz que tem uma filha de 21 anos, que queria que ela entrasse na faculdade. Ela conta que ela não está fazendo nada desde que chegou ao Brasil.

Vamos ao quintal, onde as mulheres esperam para serem atendidas. Eu e Xão vamos perguntando se alguma delas gostaria de nos dar uma entrevista. “É para um projeto para a faculdade” “Não, não vai passar na TV!” “É rapidinho, são só algumas perguntas”. Ninguém está afim. Perguntamos à mulher com quem conversamos antes se ela aceitaria. Ela diz que sim. As crianças correm e tentam mexer nas câmeras. Pedimos a Kevin - o filho mais velho de Omana - se ele pode ajudar e impedir que as crianças interrompam a filmagem. A mulher senta no banquinho que posicionamos em frente à câmera e começamos a entrevista.

Ela se chama Bernadete. Bete, ela diz. “Nasci em 69”. Ela é de Angola. Lá, fazia compras em outros países e voltava para revender. Ela é o terror de todo jornalista que está entrevistando: responde apenas com “sim” e “não”. “Você gosta da sua vida aqui no Brasil?” “Gosto”. “Do que você gostava lá na Angola?” “De tudo”. Atrás das câmeras, a bebê de Bernadete começa a

chorar nos braços de Kevin. Ela quer a mãe. Kevin a solta e ela vem correndo na frente da câmera. Ela senta no colo da mãe. Continuamos. “Como você veio para o Brasil?” “De avião”. “Você tem quantos filhos?” “Sete”. “Foi difícil viajar pro Brasil com sete filhos?” “Não, normal”. “Do que você mais gosta aqui?” “Da comida. Arroz, feijão, frango”.

Depois de tentarmos variações de todas as perguntas para ver se conseguíamos extrair alguma coisa dela, terminamos. Ela pede para ver a filmagem e, depois, pede para excluir porque sua filha aparecia no meio da gravação e sentava em seu colo. “Dessa eu não gosto. Não quero que apareça minha bebê”. Ela fica lá parada até que a Xão deletasse o arquivo. Ela diz para fazermos de novo a gravação, mas estamos desanimadas porque sabemos que a bebê vai querer entrar de novo no meio da filmagem. Dizemos a ela que vamos tentar encontrar outra entrevista e depois refazemos a entrevista. Ela aceita.

A amiga de Bernadete, que esperava de pé ao lado, pergunta se poderia participar também. Nós aceitamos, claro. Ajustamos as câmeras. Começamos a gravação. Ela não fala português. Pede ajuda à Bernadete, que fica ao seu lado, três vezes. Nós só perguntamos qual é seu nome e qual sua idade. Xão diz, diplomática, que, sem falar português, não conseguiremos pôr a entrevista no documentário. Ela sai, junto com a amiga.

Sentimo-nos decepcionadas: fomos a esse lugar cheias de expectativas de encontrarmos a entrevista perfeita para finalizarmos os nossos trabalhos e até agora não conseguimos nada. Perguntamos a Omana se ele pode nos indicar alguém que toparia dar a entrevista. Ele aponta para uma menina que está passando agora pela porta. Ela não parece ser mais velha do que eu e Xão.

Hesitante, ela diz que aceita dar a entrevista, se formos rápidas. O nome dela é Jeanine e ela veio do Congo. Diz que desde que chegou ao Brasil, ainda não conseguiu estudar ou trabalhar. Que ainda está aprendendo português. Seus pais lhe deram dinheiro para que viesse ao Brasil e continuasse os estudos. Toda a sua família ficou por lá, ela está sozinha.

Perguntamos qual é a maior diferença que ela vê entre o Brasil e o Congo. Ela diz que aqui as pessoas parecem que não gostam de estudar. Eu e Xão ficamos confusas com a afirmação, perguntamos o que ela quer dizer com isso. Ela responde que no país dela, todo mundo estudava. Aqui não. “As pessoas não gostam de estudar”. Fico pensando que ela mesma não está estudando no momento, apesar de ter vindo com essa intenção. Será que ela percebe que ela está na mesma situação que outras tantas pessoas - com vontade de aprender, mas que não tem a oportunidade de ir à escola? Continuamos a entrevista.

Xão pergunta a ela qual é a coisa que ela menos gosta no Brasil. “Aqui é um país muito perigoso. Violento”. “Mais violento que no seu país?” “Mais, muito mais”. O Congo está em guerra praticamente incessante desde sua independência, em 1960. Acho curioso que ela pense que está menos segura aqui. Penso isso não com um sentimento torto de patriotismo, mas com genuína curiosidade do qual é o significado de violência para ela. Jeanine vê meu rosto descrente e pergunta “Vocês sabem que é, não sabem?” Não posso contradizê-la. Eu e Xão a agradecemos por ter aceitado participar de nossos trabalhos, juntamos as coisas e vamos embora.

Me despeço de Xão na entrada da estação e pego o metrô de volta para casa. Estou um pouco decepcionada com o que conseguimos hoje: eu esperava mais. Nossas duas entrevistadas apenas chegaram à conclusão, um dia, que lá no país delas não estava muito bom, que talvez fosse melhor vir para cá. Fizeram as malas. Pegaram um avião. Chegaram aqui. Não é nada que eu consiga transformar em um capítulo, penso. E ao pensar nisso, percebo que estou sendo

contraditória com a minha proposta do início do trabalho, que era retratar a vida do refugiado que vem para São Paulo e mostrar que ele é mais que um personagem: é uma pessoa. E mesmo que sua história não esteja à beira do ficcional, que não envolva planos mirabolantes ou fugas da polícia, ainda é alguém que deixou tudo que era familiar para trás em busca de possibilidades, de um grande “talvez”. Suas histórias também merecem serem contadas.

Na minha breve carreira jornalística, sei que várias vezes fiz entrevistas mais em busca de um intérprete para as minhas opiniões do que para realmente ouvir o que essa pessoa tinha a dizer. As histórias que não são mirabolantes são importantes também.

Faço a baldeação na Sé e, num impulso, sigo as placas que levam à saída. Escolho o lado que dá direto na Praça da Sé e refaço o caminho que fiz ao lado de Xão naquele dia que fomos à Cáritas. Eu queria dar uma passada num lugar perto da estação Anhangabaú na volta pra casa e, como era a nossa primeira vez andando para aquele lado, é claro que pegamos o caminho mais longo.

Que louco pensar que morei em São Paulo todos esses vinte anos e eu nunca tinha passado por essas ruas. São quatro horas do sábado, as lojas estão fechando e não tem quase ninguém na rua. Crianças jogam futebol na praça do Pateo do Colegio. Passo na frente do Mosteiro de São Bento e vejo as pessoas subindo da 25 de março cheias de sacolas. Ando essas ruas como se fosse uma turista, lembrando de tudo que aconteceu nesses últimos meses. A caçada infundável por fontes e de ser rejeitada abertamente por várias (o que eu morria de medo antes). Os lugares novos que fui, as pessoas com quem conversei. A pessoa que sou agora.

Continuo minha caminhada pelo Viaduto do Chá. Paro na metade e olho o vale sob a ponte. É lindo aqui.

Tem refugiados que vivem de expor suas histórias para a mídia. Outros, preferem não falar sobre isso. Alguns ainda pensam em voltar para seus países. Outras, têm grandes planos por aqui. Alguns passaram meses na estrada e outros só juntaram tudo o que tinham e despacharam numa mala direto para cá.

Todas as histórias que ouvi, penso nelas como pecinhas que fazem parte do quebra-cabeça de como é estar refugiado no Brasil. E ele não forma uma imagem uniforme, porque não existe uma experiência geral. Até as pessoas que vieram de um mesmo lugar [mostrar Omana e Jeanine] às vezes têm vivências que não poderiam ser mais diferentes.

É um quebra-cabeças repleto de expectativas que ainda não foram atingidas [desenhar pecinhas escrito “ajuda do governo” “políticas públicas” “empregos” “acesso à educação”]. De bagagens diferentes [pecinhas escrito “falta de oportunidade” “opressão” “guerra”]. Mas que forma um panorama cheio de esperança [mostrar quebra-cabeça completo].

São histórias preciosas. Complexas. São histórias de pessoas.

Me sinto privilegiada em poder contá-las.